

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - COMISSÃO DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GABRIELA LUISA VIVAN

O POTENCIAL EDUCATIVO DO GALPÃO DE RECICLAGEM
Aproximações entre uma cooperativa de recicladores e escolas públicas do entorno

PORTO ALEGRE

2019

GABRIELA LUISA VIVAN

O POTENCIAL EDUCATIVO DO GALPÃO DE RECICLAGEM

Aproximações entre uma cooperativa de recicladores e escolas públicas do entorno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Heloisa Junqueira

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Vivan, Gabriela Luisa

O potencial educativo do galpão de reciclagem:
Aproximações entre uma cooperativa de recicladores e
escolas públicas do entorno / Gabriela Luisa Vivan. --
2019.

59 f.

Orientadora: Heloisa Junqueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Catadores de materiais recicláveis. 2.
Cooperativa de catadores. 3. Resíduos sólidos. 4.
Escola pública. 5. Educação Ambiental. I. Junqueira,
Heloisa, orient. II. Título.

GABRIELA LUISA VIVAN

O POTENCIAL EDUCATIVO DO GALPÃO DE RECICLAGEM

Aproximações entre uma cooperativa de recicladores e escolas públicas do entorno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovada em 18 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Heloisa Junqueira (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Russel Teresinha Dutra da Rosa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Teresinha Guerra
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Acho que eu nunca soube o que eu queria ser quando crescer. Diziam que eu tinha cara de psicóloga, cheguei a pensar em nutrição. Não sei exatamente o que me levou a biologia, e nem o que fez eu me encontrar na licenciatura. Acho que foi um pouquinho de muita gente, gente que me marcou, gente que me inspira, gente que luta e gente que acredita comigo nisso tudo que envolve amar a vida e amar a educação.

Não há como deixar de agradecer a minha família, pai, mãe e Gugui, por sempre terem sido apoio e incentivo. Obrigada por terem me proporcionado tudo aquilo que pra vocês foi tão mais difícil e por sempre terem acreditado em mim. Mãe, obrigada pelo exemplo de professora que tu és e pelo encantamento que tu transmite com a profissão, me inspiro em ti.

Às amigas e amigos que a biologia me apresentou e agora estão finalizando essa etapa ao meu lado, obrigada pela rede de apoio e de compartilhamento de frustrações, estresses, alegrias e comemorações. Vocês tornam o caminho um tanto quanto mais leve. Àqueles que me acompanham de mais longa data, da escola, da dança ou do circo, obrigada pelos momentos felizes compartilhados e por torcerem por mim, ainda que à distância muitas vezes.

Ao pessoal do PET, que foram muito mais do que equipe de trabalho, foram crescimento, parceria, sensibilidade e escuta nos momentos difíceis. Os dois anos em que estive no grupo me apresentaram pessoas incríveis que me transformaram e seguem me transformando em alguém melhor.

À Heloisa, minha orientadora, que ao longo desse último ano se fez tão presente na minha vida. Te gosto e te admiro tanto, obrigada pela ajuda nos momentos em que estive perdida, pelas conversas, cafés e risadas.

Às que que são parte viva dessa pesquisa e que compartilharam seu trabalho e suas vivências, obrigada por me receberem em seus espaços de trabalho e por me permitirem não só elaborar essa pesquisa, mas também aprender e me interessar ainda mais pelo tema dos resíduos, da reciclagem e da catação de materiais.

Por último, agradeço pelo privilégio de ter passado por essa universidade que é (ainda) de qualidade e gratuita e que, apesar dos problemas todos, transforma quem a vive. Talvez eu ainda não saiba o que eu quero ser mesmo agora, depois de crescer, mas agradeço a todos aqueles que cruzaram meu caminho, deixaram um pouquinho de si em mim e me conduziram até onde estou hoje.



RESUMO

O tema dos resíduos sólidos configura entre as principais problemáticas ambientais dos espaços urbanos. Nesse aspecto, os catadores de materiais recicláveis podem ser considerados verdadeiros agentes ambientais, já que retornam ao ciclo produtivo grande quantidade de materiais que seriam ou destinados a aterros sanitários ou depositados em locais inadequados. Apesar de avanços no sentido de incluir essa população, muitas vezes marginalizada, esses profissionais ainda não recebem o devido reconhecimento. Isso se exemplifica pela má separação dos resíduos domiciliares encaminhados às cooperativas de catadores, que, resultado da falta de conscientização ou informação por parte da população, gera danos ambientais e reduz a renda dos catadores. Em Porto Alegre é grande o número de escolas situadas no entorno de cooperativas de reciclagem que atuam na triagem e na venda de materiais. Parcerias entre essas instituições poderiam ser uma forma de promover uma Educação Ambiental crítica, a partir da realidade dos estudantes. Essa pesquisa objetivou identificar possíveis aproximações entre uma cooperativa e as escolas públicas próximas. O espaço de estudo foi a Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavalhada e duas escolas públicas situadas nos seus arredores. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação e a entrevista semiestruturada. Catadores e educadores que tivessem algum histórico em Educação Ambiental foram convidados a participar, totalizando em oito entrevistados. O tratamento dos dados se deu pelo método de análise de conteúdo. Os resultados apontam para uma relação fraca e pontual entre a cooperativa e as escolas em estudo, apesar desses contatos serem extremamente gratificantes para as catadoras, que se sentem valorizadas nesses momentos. Projetos em Educação Ambiental a partir da temática dos resíduos vem sendo planejados ou executados em ambas escolas, sendo um interessante momento para que essas instituições aproximem suas práticas do trabalho realizado pelos catadores, de forma a aproximar a escola da comunidade.

Palavras chave: Catadores. Cooperativa de reciclagem. Escola. Educação Ambiental.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

RESUMO

1 INTRODUÇÃO	9
1.2 Objetivos	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
3.1 Etapas da pesquisa e instrumentos de coleta de dados	19
3.2 Critérios de seleção das instituições e das entrevistadas	20
3.3 Os espaços em estudo	21
3.3.1 O Loteamento Cavanhada	22
3.3.2 Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavanhada.....	22
3.3.3 Escola Municipal de Ensino Fundamental Neusa Goulart Brizola	23
3.3.4 Colégio Estadual Cônego Paulo de Nadal.....	24
3.4 Caracterização das entrevistadas	24
3.5 A categorização dos dados.....	25
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	26
4.1 <i>Pertencimento e valorização na catação de materiais</i>	26
4.2 <i>Aproximações entre catadoras e estudantes</i>	31
4.3 <i>A Educação Ambiental nas escolas investigadas</i>	39
4.4 <i>Possíveis barreiras à articulação</i>	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE 1	57
APÊNDICE 2.....	58

1 INTRODUÇÃO

Temáticas acerca da geração de lixo e dos impactos da sua incorreta destinação estão muito em voga nos últimos tempos. Diariamente, notícias referentes à poluição nos oceanos por plásticos, proibições de canudinhos ou copos descartáveis, coleta de tampinhas de garrafas plásticas, entre outras, são veiculadas nas mídias. No entanto, o que vemos nas ruas ou ouvimos de nossos conhecidos nos faz perceber a tamanha desinformação e desinteresse quando o assunto é o lixo que geramos em nosso dia a dia. Questões importantes relacionadas ao assunto, como os agentes envolvidos no gerenciamento daquilo que descartamos ou seu destino final, são totalmente desconhecidas pela população no geral.

Segundo dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (2017), o brasileiro descarta quase 1 quilo de lixo diariamente. Fatores como aumento populacional, desenvolvimento de novas tecnologias, aumento da expectativa de vida e produção e consumo de bens cada vez menos duráveis, resultam num crescente aumento desta quantidade de lixo, que muitas vezes é indevidamente descartado (VICENTE, 2015). Diante dos impactos ambientais e sociais, incluindo os de saúde pública, gerados pela má disposição desses materiais, faz-se presente a necessidade de proposições por meio do poder público.

Considerando esses fatores, tornou-se necessário elaborar e difundir novas legislações, bem como produzir novas tecnologias, além de terminologias específicas sobre o tema. O que era chamado informalmente de lixo passa a ser denominado resíduo sólido, buscando um distanciamento do conteúdo pejorativo que o antigo termo carregava. Hoje, em termos de preservação ambiental, os espaços mais efetivos para disposição dos resíduos sólidos são os aterros sanitários, que apresentam impermeabilização do solo, encobrimento do material depositado e tratamento do chorume. Contudo, segundo Pereira e Maia (2012), aterros sanitários ocupam grandes áreas, cada vez mais escassas nos conglomerados urbanos, o que nos indica que é preciso investir em toda tecnologia que contribua positivamente no aumento da vida útil desses espaços. Uma vez que parece não existir esforços para a diminuição do consumo, uma das soluções mais utilizadas é a reciclagem.

A reciclagem, através da recuperação e da transformação do resíduo, rompe a linearidade do processo produção-consumo-descarte-destino final, transformando-o em um ciclo (ROSADO; HEIDRICH, 2016). Esse processo reduz a quantidade de

material que seria depositado em aterros ou lixões e, ainda, pode ser utilizado economicamente, criando-se também uma solução que vai além dos aspectos ambientais e econômicos, já que pode ser organizada de forma a gerar postos de trabalho e renda às pessoas das classes populares, assumindo importante papel social (SILVA, 2015).

No Brasil, os protagonistas no campo da reciclagem são os catadores¹, já que são elas as responsáveis por quase 90% de todo o material que chega a ser reciclado no país (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2013). Contudo, apesar de serem importantes agentes ambientais e, muitas vezes, resolverem questões que o governo e as indústrias ainda não conseguiram dar conta, elas são submetidas a uma condição de marginalidade social e econômica. Estudos apontam para diferentes perfis de catadoras, classificados em catadoras de rua, cooperadas e catadoras de lixão (SIQUEIRA; MORAES, 2009). É crescente o número de catadoras organizadas em cooperativas, pois são organizações sociais que permitem o exercício da profissão com maior dignidade. Ao se organizarem, crescem as possibilidades de mobilização para negociarem com o poder público e/ou com outros setores da sociedade, e assim buscarem parcerias e políticas governamentais para sua maior valorização enquanto categoria profissional e cidadãs detentoras de direitos.

Como pressuposto para uma reciclagem com maior efetividade, tem-se a coleta seletiva que, para Silva (2015) citando Bringhenti (2004), pode ser definida como a etapa de coleta de materiais reutilizáveis presentes nos resíduos sólidos urbanos, após sua separação na própria fonte geradora. Isso quer dizer que é dado um papel para a população geradora dos resíduos: separar os resíduos orgânicos daqueles passíveis de reaproveitamento. Para Rosado e Heidrich (2016, p. 289) “esse tipo de coleta traz a possibilidade concreta de uma maior participação de cada cidadão/cidadã na gestão ambiental da cidade”.

Contudo, grande parte da população, seja por falta de informação, seja por não se importar com o destino do que descarta, não separa seu resíduo domiciliar, destinando materiais recicláveis aos aterros sanitários ou enviando resíduos

¹ A partir deste ponto, proponho o uso dos pronomes no feminino de forma a promover reflexões quanto ao apagamento da presença feminina nos espaços-tempos sociais, e que acaba por se refletir na linguagem e na escrita. Considerando que nessa pesquisa buscou-se investigar principalmente saberes e percepções de catadores e professoras, e que estas são classes de trabalhadores nas quais a presença de mulheres é a grande maioria, o uso do pronome feminino gera maior coerência de sentidos.

altamente infectantes para a coleta seletiva. Um dos efeitos dessa equivocada destinação de resíduos é uma grande quantidade de rejeitos misturados ao material da coleta seletiva e, conseqüentemente, redução da renda para as catadoras. Para Siqueira e Moraes (2009), a chamada Educação Ambiental (EA) deve estar em consonância com as políticas públicas referentes ao gerenciamento de resíduos sólidos, pois estão em relação direta com o processo de conscientização da população quanto aos padrões de consumo e da prática da coleta seletiva.

Ainda que os processos educativos ocorram em todos os âmbitos sociais, seja formal ou informalmente, a escola tem sido um espaço ímpar para trocas, discussões e aprendizados diversos acerca de problemáticas ambientais e sociais. Sendo uma instituição de passagem obrigatória para toda pessoa em formação, a despeito daquelas que não conseguem acessá-la, é um espaço em que se torna possível trabalhar com o mesmo grupo de pessoas por um espaço prolongado no tempo.

Conforme a legislação vigente sobre EA, definida como sendo uma modalidade educativa interdisciplinar, contínua e permanente, ela deve ser elaborada de forma a assegurar o entendimento da complexidade ambiental, na qual ambiente, cultura e sociedade interagem. Guimarães (2007) comenta também seu caráter político e seu papel no desenvolvimento do pensamento crítico da aluna:

de forma contrária à educação tradicional, essa é uma educação voltada para uma ação-reflexiva, coletiva, para a relação interativa em que seu conteúdo está para além dos livros, está na realidade socioambiental ultrapassando os muros das escolas. É uma Educação política voltada para a intervenção social entendida como um ambiente educativo e que contribui para a transformação da sociedade em suas relações. (GUIMARÃES, 2007, pp. 90-91).

O entendimento sobre o que ocorre em uma Unidade de Triagem (UT) de materiais recicláveis, habitada por uma cooperativa de recicladoras, reivindica análises interdisciplinares. Pode-se explorar aspectos históricos/econômicos, desenvolvendo reflexões acerca do ciclo de vida dos produtos e do sistema capitalista no qual vivemos; biológicos/ambientais, dando enfoque aos benefícios relacionados à manutenção do meio quando realizada a reciclagem; geográficos/sociais, ressaltando as condições relacionadas ao trabalho das catadoras; entre inúmeros outros. Logo, o galpão torna-se um espaço ímpar, diverso e multitemático possibilitador de importantes aprendizados socioambientais, com poder de desenvolver na pessoa que se insere nesse espaço maior criticidade quanto aos seus hábitos e modo de vida.

Enquanto futura bióloga e educadora percebo o quão singular e necessário é o trabalho executado pelas catadoras nas cooperativas e me inquieta perceber a desinformação e o desconhecimento generalizados sobre essa classe de trabalhadoras, diminuindo ou impedindo sua valorização. Dessa forma me questiono: seria possível observar educativas nos galpões de reciclagem, no município de Porto Alegre (RS)? Ou, mais especificamente, as escolas localizadas próximas a UTs de materiais recicláveis inserem suas alunas nesse meio, de forma a buscar desenvolver um pensamento crítico quanto à produção, destinação e impactos socioambientais gerados pelos seus resíduos sólidos?

1.2 Objetivos

A partir de uma curiosidade minha de compreender as dinâmicas educativas e de trabalho associadas ao espaço em que catadoras de materiais recicláveis atuam, bem como seu papel social e comunitário, busquei investigar os possíveis projetos de EA, em desenvolvimento ou já desenvolvidos, entre cooperativas de recicladoras e instituições de ensino, identificando proximidades conceituais e, também, estabelecendo relações com a viabilidade deste tipo de parceria: ambiente-comunidade-escola. Desta forma, esta pesquisa objetivou compreender a relação entre a Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavalhada (ASCAT) e as escolas públicas do seu entorno.

A fim de facilitar os percursos investigativos, mas tendo como meta o objetivo geral acima exposto, os seguintes objetivos específicos foram definidos: (a) me aproximar de modo mais aprofundado às experiências de trabalho das catadoras; (b) identificar as principais atribuições e exigências de uma cooperativa de catadoras; (c) relacionar a presença e/ou ausência de projetos ou ações de EA nas escolas do entorno de uma UT, através de suas práticas pedagógicas e curriculares; (d) perceber situações nas quais as demandas das instituições estejam indo ao encontro umas às outras, de forma a inspirar cooperação em prol de objetivos comuns.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para entendermos a forma como se dá a gestão dos resíduos sólidos em Porto Alegre hoje, precisamos retornar um pouco ao seu histórico. Silva (2015) apresenta em seu trabalho como se deu a implantação da coleta seletiva no município de Porto

Alegre, a partir da necessidade do fechamento do lixão da cidade, localizado na Zona Norte. A transição do sistema se deu levando em conta a população que vivia do lixo lá depositado, inserindo-os no processo através da estruturação dos galpões de reciclagem. Propostas por meio do poder público e organização das catadoras possibilitaram a organização da categoria, que começou a se unir através de cooperativas e a coleta seletiva foi implantada em 1990.

Dessa forma, vai se constituindo o gerenciamento de resíduos domiciliares como temos até hoje em Porto Alegre, que se dá através de duas coletas diferentes: na primeira delas, os resíduos orgânicos e os rejeitos são recolhidos e levados até o aterro sanitário do município de Minas do Leão; enquanto na segunda, um caminhão diferenciado dos primeiros é responsável por recolher os resíduos recicláveis e encaminhá-los para as catadoras das cooperativas.

Para Benicá (2006) as catadoras de materiais recicláveis estão entre os segmentos sociais que sofrem processos de exclusão mais acentuados, já que extraem do “lixo” a sua subsistência, o que as tem remetido a posições de exclusão social. Teixeira (2015) citando Silver (1995), afirma que, das mais de vinte categorias de indivíduos considerados excluídos em diferentes estudos, as catadoras poderiam ser incluídas em pelo menos dez, sendo elas: as desempregadas de longo prazo; as empregadas em empregos precários e não qualificados; as pobres; as analfabetas, as evadidas da escola; as mulheres; as minorias raciais; as que recebem assistência social; e, ou, as residentes em vizinhanças deterioradas. Para a autora,

pensar a questão dos catadores de materiais recicláveis envolve refletir sobre as dualidades da sociedade contemporânea: ao mesmo tempo que o lixo é um problema que necessita de solução, os catadores, agentes fundamentais na triagem deste lixo, estão à margem de uma sociedade que não lhes oferece oportunidades de inclusão. (TEIXEIRA, 2015, p. 100)

Associações e cooperativas começaram a se configurar no Brasil, principalmente, durante a década de 90, trazendo uma forma alternativa à prática capitalista de organizar o trabalho e a produção. Elas buscam garantir condições e relações de trabalho desejáveis, sobretudo a grupos historicamente excluídos, como ressalta Benicá (2006):

Ao proporcionar aumento de renda, fortalecer a cooperação e promover a dignidade humana contribuem para o aprimoramento da cidadania dos excluídos. Assim organizados, os catadores/as podem conjugar de modo particularmente distinto elementos alternativos ao

modelo de produção e consumo da sociedade capitalista e às suas inclinações segregadoras e depredadoras. (BENICÁ, 2006, p. 73)

Esse sistema foi reforçado no ano de 2010, devido à promulgação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, que trouxe diretrizes, metas e objetivos quanto ao gerenciamento dos resíduos sólidos, inovando também ao trazer os conceitos de responsabilidade compartilhada e de logística reversa (VICENTE, 2015). Além disso, a lei incentiva a contratação de associações ou cooperativas de catadoras, formadas por pessoas de baixa renda, nos serviços da coleta seletiva pelas prefeituras (ROSADO; HEIDRICH, 2016). As catadoras, quando organizadas formalmente, trabalham em unidades construídas para esse fim específico, denominadas de galpão. No geral, esses espaços contam com prensas hidráulicas, balanças, mesas ou esteiras de trabalho e box de armazenamento, o que propicia mais facilidades e segurança durante o trabalho.

O galpão é reconhecido como o território da reciclagem do lixo pelas catadoras, espaço que vai para além da geração de renda (dimensão econômica), pois incorpora laços afetivos entre as catadoras e sentimento de pertencimento ao grupo (dimensão cultural/simbólica e afetiva) e relações de poder internas e externas a ele (dimensão política) (ROSADO; HEIDRICH, 2016). Para as autoras, as mulheres que nele trabalham ressignificam esse espaço e dele se apropriam através das suas práticas cotidianas, de forma a carregá-lo de experiências e relações afetivas e simbólicas, o que auxilia na constituição das suas identidades enquanto catadoras.

O território cotidiano da reciclagem é interpretado a partir da força desse lugar que une os catadores, que lhes oferece, além da possibilidade de recursos para manterem suas famílias dentro de condições específicas de vida e trabalho, a possibilidade de participação de redes mais amplas. Mesmo sendo explícita a relação com a economia, a experiência do galpão está, implicitamente, imersa na dimensão política e cultural. (ROSADO; HEIDRICH, 2016, p. 292)

Mesmo antes de serem definidas políticas públicas sobre a gestão de resíduos no país, a classe das catadoras de materiais já vinha realizando um trabalho de grande importância ambiental; contribuindo significativamente para o retorno de diferentes materiais para o ciclo produtivo; gerando economia de energia e de matéria prima, e evitando que diversos materiais fossem destinados a aterros (GOUVEIA, 2012).

Contudo, são profissionais frequentemente marginalizadas e estigmatizadas devido à atividade que realizam, já que lidam com tudo aquilo que a sociedade de consumo rejeitou. Para Rolim e Massena de Melo (2010) citadas por Rolim, Teixeira

e Fernandes (2015) isso se dá porque a semântica negativa atribuída aos resíduos se estende para as que com eles trabalham e deles tiram seu sustento. Pensar num fim para esses preconceitos depende “da construção de um capital social capaz de elevar a autoestima desses trabalhadores. Nesse sentido, a vertente ambiental assume importância marcante para a inclusão desse agente de forma positiva no contexto social” (FILARDI, SIQUEIRA E BINOTTO, 2011, p. 22).

Apesar disso, para grande parte das catadoras a atividade da catação não é vista como transitória, não sendo abandonada com o surgimento de outra oportunidade de emprego. Para a maioria delas a atividade da catação é considerada digna e louvável, justamente por ser associada à preservação ambiental e, portanto, ao interesse público (ROSADO; HEIDRICH, 2016). Porém, os serviços ambientais que prestam com seus trabalhos não são proporcionais à remuneração que recebem. Teixeira (2015) enfatiza que o retorno econômico dessas profissionais é insuficiente para uma qualidade de vida plena, por serem o primeiro elo da cadeia produtiva da reciclagem - apesar do lixo já ser o último elo para muitas. Acima delas ainda encontram-se sucateiras ou atravessadoras (pessoas que fazem a ponte entre catadoras e as empresas) e as empresas que utilizam matéria-prima provinda do material reciclável. Como a cada etapa da cadeia produtiva agrega-se valor ao material, as catadoras acabam por se restringir àquela com o menor valor atribuído.

Segundo dados disponíveis no site da Prefeitura de Porto Alegre, são 16 as UTs responsáveis pelo recebimento do material proveniente da coleta seletiva dos resíduos sólidos recicláveis (lixo seco), em Porto Alegre. Cada uma dessas unidades consiste num galpão diferente, gerenciado por uma associação ou cooperativa de catadoras de materiais recicláveis diferente. Nesses lugares as trabalhadoras fazem a separação (plásticos, papel, embalagens longa vida, vidro, isopor, garrafas plásticas), prensam, agrupam em fardos e negociam autonomamente a venda desses materiais para a indústria. A responsabilidade por parte da prefeitura consiste no fornecimento da infraestrutura para as UTs conveniadas, e por um repasse mensal para a manutenção do espaço e dos equipamentos.

Atualmente, os caminhões que realizam a coleta dos resíduos recicláveis atuam em todas as ruas que comportem a entrada de caminhões. Contudo, ao mesmo tempo em que aumentou a população atendida pela coleta, os esforços em EA com a finalidade de instruir quanto à correta separação e disposição do lixo parecem ter diminuído. O resultado disso: 8 toneladas do lixo foram destinadas equivocadamente

às UTs no ano de 2011, sendo enviadas para o aterro sanitário e gerando perdas na renda dos catadoras (SILVA, 2015).

Um dos motivos da péssima qualidade na separação prévia dos resíduos que chegam até as UTs é o processo de invisibilização das pessoas que lidam com o “lixo” e a ignorância da população quanto ao trajeto e destino final daquilo que descartou. Segundo Rosado e Heidrich (2016) a qualidade do material que chega às cooperativas piora a medida do não envolvimento de forma direta com a reciclagem por boa parte da população geradora de lixo. “Isso reforça uma representação social negativa do lixo, que transborda para a atividade da catação” (ROSADO; HEIDRICH, 2016, p. 306). Uma vez que a imagem da catadora é contaminada simbolicamente pela representação do “lixo”, essas pessoas podem ter a formação da sua identidade enquanto profissional comprometida (ROSADO; HEIDRICH, 2016).

A temática dos resíduos sólidos, dando enfoque à coleta seletiva e às catadoras, torna-se um campo propício ao desenvolvimento de projetos de pesquisa em diferentes campos do conhecimento, em especial, os relativos à EA. Considerando que aproximar a população em geral desses processos é necessário e fundamental à redução das perdas de materiais passíveis de reciclagem e, também, à melhoria gradativa na vida das pessoas que vivem da catação. Inclusive, conforme o ponto abordado, princípios diferentes expostos na Política Nacional de Educação Ambiental podem ser contemplados:

- I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural. (BRASIL, 1999, art. 4º)

Em algumas cidades do estado Rio Grande do Sul (RS), a sensibilização das moradoras quanto à coleta seletiva, reciclagem e separação dos resíduos já é encargo dos próprios catadores, que são contratados para executar a tarefa. No entanto, parece ocorrer uma falta de confiança na capacidade organizacional das cooperativas

por parte das prefeituras (ROSADO; HEIDRICH, 2016). Em Porto Alegre, a coleta seletiva é realizada por empresa terceirizada e campanhas de sensibilização da população quanto ao tema não vem sendo veiculadas nas mídias ou pelas ruas.

Trabalhos de sensibilização da população sobre as problemáticas socioambientais que nos cercam exigem esforços de diferentes instituições educativas (formais, não formais e mesmo informais), visto a centralidade da questão ambiental na compreensão de mundo e à intensidade da demanda devido sua gravidade e complexidade. Ainda assim, a escola, por ser o espaço de educação formal, é percebida como “locus” para o desenvolvimento destes esforços (GUIMARÃES, VASCONCELLOS, 2006).

Toda a sociedade tem responsabilidade sobre os impactos da ação humana no ambiente, dessa forma, a EA não deve se restringir ao espaço escolar, mas deve se aliar à outros setores sociais envolvidos na luta pela qualidade de vida (SEGURA, 2001). É importante reconhecer que a escola sozinha não vai resolver os problemas ambientais latentes do seu entorno, contudo, a autora considera que a escola representa um espaço de trabalho fundamental no sentido de formar a pessoa para a cidadania e para a luta ambiental através do estímulo e do subsídio para suas estudantes da corresponsabilidade frente a sua comunidade.

não é obrigação da escola resolver problemas ambientais como tratamento de esgoto, poluição do ar, tratamento de resíduos etc., mas desenvolver o conhecimento e a capacidade de julgamento das pessoas que partilham a mesma realidade, para que elas possam contribuir na construção coletiva de um ambiente melhor. (SEGURA, 2001, p. 153)

Levando em conta o papel das professoras na discussão das temáticas socioambientais, o empenho dessas profissionais pode ser um diferencial na desconstrução dos estigmas atribuídos aos catadores de materiais recicláveis e na atribuição de novos valores (ROLIM, TEIXEIRA, FERNANDES, 2015).

A escola tem um importante papel na formação da consciência ambiental da sociedade. Para Segura (2001), a escola alcança seus objetivos quanto a EA quando propicia uma leitura crítica da realidade e agrega conhecimentos a ela relacionados, dessa forma, as educadoras devem estimular a participação efetiva de cada aluna na sua própria aprendizagem, atentando para a sua responsabilidade na promoção e melhoria da qualidade de vida.

A EA busca a formação de pessoas através do intercâmbio delas com o mundo e delas entre si, já que a palavra “educação” sugere que se trata de uma troca de saberes. Acrescentar o adjetivo “ambiental” à educação insere nesta relação a percepção sobre a natureza, a forma como seres humanos interagem entre si e com o meio no qual vivem (SEGURA, 2001). Guimarães (2007) demonstra que a atual forma cartesiana e mecanicista de ver o mundo dificulta o entendimento do ambiente em sua totalidade, como o sistema complexo que é. Ver a natureza de forma fragmentada resulta nos graves problemas ambientais da atualidade, à medida que ignora as relações dinâmicas do equilíbrio ecológico e sua capacidade de suportar impactos. Para o autor, perceber a complexidade ambiental “potencializaria a construção de uma relação entre os seres humanos em sociedade e a natureza de forma mais integrada, cooperativa e, portanto, sustentável socioambientalmente” (GUIMARÃES, 2007, p. 87).

A EA vislumbra ser um dos meios pelos quais os impasses entre sociedade e natureza serão reduzidos, mas para que isso seja atingido é necessário considerar a fonte desses problemas: o modelo de sociedade antropocêntrico, consumista, que domina e que explora ambientes e pessoas (GUIMARÃES, 2007). Afirma também que os problemas socioambientais globais se interrelacionam com os problemas locais, não podendo ser considerados aspectos isolados de cada realidade já que refletem um mesmo modelo de sociedade e sua forma de estabelecer relações com o meio.

Tendo isto em vista, a proposta de Guimarães (2007) para uma EA comprometida com melhorias do ambiente local consiste na

ampliação do ambiente educativo para além dos muros da escola superando a fragmentação e a dualidade que tradicionalmente não se complementam entre educação formal (escolar) e não-formal. É o processo educativo de a escola estar integrada, interagindo com os movimentos externos a ela, presentes nas comunidades. Isso se contextualiza no processo formativo das ações cotidianas de constituição da realidade próxima, local, na comunidade à qual a escola está inserida, mas sem perder o sentido que esta realidade próxima é influenciada e influi na constituição da realidade global. (GUIMARÃES, 2007, p. 90)

Se utilizar de recursos da realidade das alunas e retornar produtos das práticas educativas desenvolvidas para a comunidade propicia uma EA crítica e que pode ser estendida para fora dos muros escolares, contribuindo na formação de “indivíduos como atores (sujeitos), aptos a atuarem coletivamente no processo de transformações

sociais, em busca de uma nova sociedade ambientalmente sustentável (GUIMARÃES, 2007, p. 89).

Guimarães (1995) define EA como uma prática interdisciplinar e orientada para a resolução de problemas ambientais locais, que deve se desenvolver de forma participativa, comunitária, criativa e valorizando a ação.

É uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania. É transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de vida. (GUIMARÃES, 1995, p. 28)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo insere-se na abordagem qualitativa de pesquisa que, neste caso, define-se por seu caráter exploratório. Minha escolha relaciona-se com a concepção de abordagens metodológicas qualitativas, que são frequentemente usadas em pesquisa nos campos das ciências sociais e educação por permitirem explicar acontecimentos sociais e por considerar o contexto no qual se insere o estudo como sendo indispensável à investigação. Muitas vezes, números acabam por não dar conta da amplitude e profundidade dos acontecimentos e relações em seus sentidos mais humanos (MENDONÇA, 2017).

3.1 Etapas da pesquisa e instrumentos de coleta de dados

Inicialmente, foi realizada revisão bibliográfica e documental, de forma a melhor compreender os grupos participantes desta pesquisa e a realidade social no qual estão inseridos. A partir desta busca, foi desenvolvida a pesquisa de campo, primeiro em uma UT conveniada à coleta seletiva do município de Porto Alegre e, segundo, em duas escolas públicas - uma administrada pelo Município de Porto Alegre e outra pelo Estado do Rio Grande do Sul, localizadas no entorno da UT selecionada. A coleta de dados, em cada uma das Instituições, se deu através de observação e de entrevista semiestruturada. Segundo Gil (2002) citando Selltitz et al. (1967) a maioria das pesquisas de cunho exploratório, ou seja, que buscam o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, envolvem levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

Ocorreram entre duas e três idas à campo em cada uma das Instituições. Durante esse tempo nos espaços, a pesquisadora, além de realizar as entrevistas, ocupou a posição de observadora. É importante que o pesquisador tenha uma experiência direta com a comunidade em estudo, na qual suas atividades possam ser diretamente observadas (GIL, 2002). As observações se deram sobre o ambiente no geral, dando enfoque a estrutura, as condições de trabalho, as relações interpessoais dos membros e sua organização.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, tendo um roteiro-guia diferente para cada grupo amostral (APÊNDICE 2), cada um a ser aplicado a uma das classes diferentes de profissionais que consentiram com a entrevista (catadora, professora ou estagiária). Ambas basearam-se em questões abertas que incentivavam uma resposta longa e detalhada. Conforme o desenrolar da entrevista itens foram adicionados ou suprimidos. Por meio desse tipo de entrevista é possível investigar aspectos valorativos e afetivos referentes aos assuntos abordados, além de permitir maior flexibilidade de duração e maior profundidade e espontaneidade nas respostas (BONI; QUARESMA, 2005, apud MENDONÇA, 2017). A realização das entrevistas ocorreram somente mediante a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 1).

3.2 Critérios de seleção das instituições e das entrevistadas

A preferência se deu pela UT Cavahada (que abriga as cooperadas da ASCAT), escolhida por conveniência, de acordo com contato pré-existente entre pesquisadora e um dos membros da cooperativa. Após a escolha da cooperativa, foram mapeadas as Instituições de ensino próximas e, conforme proximidade entre elas e a UT, e interesse das mesmas em participar do estudo, foram definidos o Colégio Estadual Cônego Paulo de Nadal (Colégio Cônego Nadal) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Neusa Goulart Brizola (Escola Neusa Goulart) como os espaços para as investigações subsequentes.

Em cada um dos locais, aquelas que fossem ou familiarizadas com as dinâmicas de trabalho e com o histórico naquela Instituição ou de alguma forma envolvidas com EA, foram convidadas a relatar suas experiências, angústias e expectativas referentes ao seu ofício. O intuito principal era resgatar a importância da comunidade do entorno em suas práticas e de identificar possíveis vínculos, atuais ou

passados, entre cooperativa e escola através de ações e/ou projetos conjuntos de EA. Esse processo resultou em sete entrevistas presenciais, que foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2019, e em uma entrevista realizada por email devido à incompatibilidade de horários entre professora e pesquisadora, totalizando em oito pessoas entrevistadas². As falas, nas entrevistas presenciais, foram gravadas, mediante autorização, e transcritas, a fim de facilitar a posterior análise.

3.3 Os espaços em estudo

A pesquisa em questão buscou explorar relações entre duas instituições de ensino (Escola Neusa Goulart e Colégio Cônego Nadal) e uma de trabalho (UT Cavalhada), ambas localizadas no Loteamento Cavalhada, espaço singular cuja origem e existência remontam questões políticas e conflitos socioambientais. Localizar espaço e temporalmente essas instituições se torna essencial a fim de compreender o contexto no qual atuam hoje as entrevistadas nesse estudo.

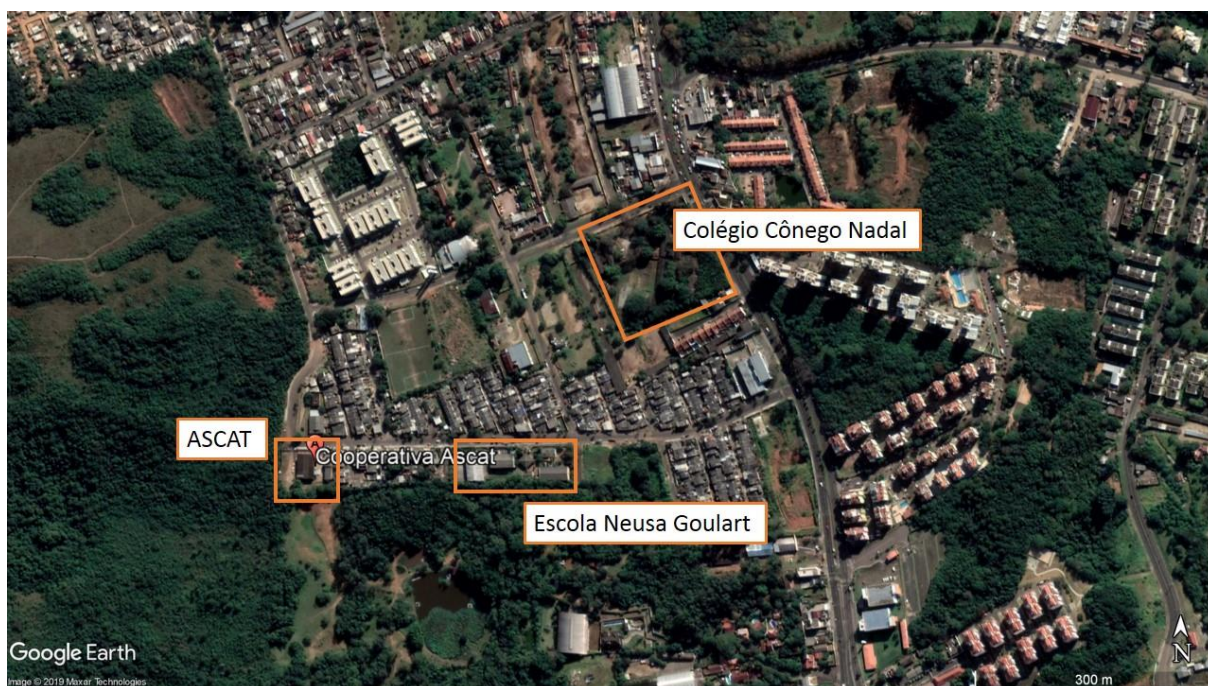


Figura 1. Localização das três Instituições em estudo (Fonte: Google Earth,2019)

² Manter as verdadeiras identidades das entrevistadas em sigilo é necessário a fim de evitar sua exposição ou qualquer tipo de represália frente aos dados por elas disponibilizados. Dessa forma, todos nomes usados ao longo do texto são fictícios.

3.3.1 O Loteamento Cavanhada

O Loteamento Cavanhada situa-se numa área baixa entre a Avenida Cavanhada e o Parque Municipal Morro do Osso, bairro Cavanhada, localizado na Zona Sul de Porto Alegre. Localiza-se junto aos bairros Ipanema, Tristeza e Camaquã, bairros tradicionalmente considerados de classe média e média alta na cidade. O loteamento foi formado no ano de 1995 a partir do reassentamento das vilas Cai-Cai, Sanga da Morte e Tripinha, vilas irregulares e localizadas em áreas de risco (AIGNER, 2002).

As áreas nas quais as vilas estavam anteriormente localizadas nitidamente apresentavam graves problemas. A vila Cai-Cai, por exemplo, ficava às margens do Rio Guaíba, entre uma avenida movimentada, com riscos de atropelamentos, e áreas alagáveis. Contudo, segundo Aigner (2002), o estabelecimento do novo conjunto habitacional foi conturbado, já que a antiga rotina das moradoras se modificava: o assentamento ficava mais longe do centro da cidade; antigas vizinhas eram separadas enquanto famílias rivais nas vilas de origem eram colocadas lado a lado; o espaço dos novos terrenos eram reduzidos, de forma que impossibilitou que as moradoras mantivessem suas hortas e suas criações de animais, bem como a construção de “puxados” quando a família aumentava.

Fora isso, discriminação e violência fizeram parte daquele espaço. A disputa por pontos de drogas resultado da territorialização em andamento, somada à exclusão social por parte da classe média já residente no entorno, geraram uma falta de identidade e conflitos de convivência na época (AIGNER, 2002). Grande parte daquela comunidade se mantinha através de trabalhos informais e, dentre as moradoras da Cai-Cai, grande parcela se sustentava da catação de materiais recicláveis pelas ruas da cidade. A mudança para a Cavanhada, e conseqüente afastamento do centro urbano, impossibilitou que essas pessoas mantivessem suas jornadas diárias e medidas precisaram ser tomadas para que aquela população não perdesse sua fonte de renda. Nesse momento catadoras e prefeitura se unem para a criação de uma associação de reciclagem.

3.3.2 Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavanhada

Em 1996, a partir de organização social e apoio da prefeitura, é fundada a Associação de Reciclagem de Resíduos Sólidos do Loteamento Cavanhada, inicialmente contando com 30 catadoras associadas (TROLEIS; BASSO, 2013).

Sediada em uma área de utilidade pública, cedida pela prefeitura, era responsável por receber, triar e revender o material que ali chegava proveniente do que viria a ser uma coleta seletiva alguns anos depois.

Com o passar do tempo e da concretização do negócio, a fim de poder melhor atuar no mercado e com a finalidade de desenvolver uma atividade econômica de proveito comum – o que não é permitido de forma plena a uma associação; a Associação torna-se Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavalhada, que vem atuando até hoje. Atualmente a ASCAT é uma dentre 16 cooperativas de reciclagem conveniadas à Prefeitura de Porto Alegre e conta com 19 cooperadas que juntas idealizam essa forma de economia solidária, que ao invés de lucro visa renda com inclusão social.

3.3.3 Escola Municipal de Ensino Fundamental Neusa Goulart Brizola

A escola iniciou suas atividades em abril de 1996 num galpão de madeira construído junto à Avenida Cavalhada e tinha o objetivo de atender a recém formada comunidade do Loteamento Cavalhada. Em seu primeiro ano contou com aproximadamente 70 alunas, 14 professoras e 3 funcionárias, mas no ano seguinte já se mudaria para o novo prédio: de alvenaria e localizado mais centralmente no loteamento, assegurando 230 matriculadas e 36 professoras (AIGNER, 2002).

Desde o início a escola teve seu ensino organizado por ciclos de formação e ofertava o Ensino Fundamental nas modalidades Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em 2006 as alunas passaram a ser atendidas em três turnos distintos: aulas regulares pela manhã, oficinas ligadas a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre à tarde e EJA à noite. Em 2008 a proporção de oficinas no contraturno aumentou devido ao Programa Federal Mais Educação e a partir de 2010 a escola iniciou o trabalho em tempo integral, sendo a primeira escola da rede municipal a tê-lo instalado para a totalidade das alunas (BEHEREGARAY, 2013).

Hoje a escola conta com 322 alunas e 56 funcionárias, conforme o Censo Escolar de 2018 (INEP, 2018). Atende desde a Educação Infantil, com crianças a partir dos 5 anos, até os anos finais do Ensino Fundamental. Porém, desde 2016, sem mais oferecer a modalidade EJA, fechada por decisão da Secretaria Municipal de Educação.

3.3.4 Colégio Estadual Cônego Paulo de Nadal

A escola foi fundada em novembro de 1981, ou seja, antes da realocação das vilas para a região. É ofertado Ensino Fundamental, anos iniciais e finais (1º ao 9º ano), e Ensino Médio. Este último nas modalidades regular e EJA. Atualmente a escola conta com 762 alunas matriculadas e 66 funcionárias.

3.4 Caracterização das entrevistadas

Duas catadoras cooperadas da ASCAT foram entrevistadas. Identificação e dados relevantes sobre o seu perfil podem ser observados no quadro abaixo.

Tabela 1. Caracterização das catadoras de materiais recicláveis entrevistadas

Nome	Idade	Escolaridade	Tempo de profissão	Tempo na instituição
Lourdes	54	Ensino Fundamental incompleto	23 anos	23 anos
Lisa	21	Ensino Médio completo	02 anos	02 anos

Fonte: elaboração da autora

O total de profissionais entrevistadas nas escolas foram seis. Sendo as duas professoras indicadas na Tabela 2 funcionárias do estado do Rio Grande do Sul e hoje professoras no Colégio Cônego Nadal.

Tabela 2. Caracterização das professoras do Colégio Estadual Cônego Paulo de Nadal

Nome	Função	Formação	Tempo de profissão	Tempo na instituição
Liliam	Professora	Licenciada em Ciências Biológicas Mestre em Zoologia Especializada em Supervisão Escolar	13 anos	13 anos
Mari	Professora	Licenciada em Letras Português/Inglês e em Pedagogia com ênfase em Supervisão	07 anos	04 anos

Fonte: elaboração da autora

Na Escola Neusa Goulart foram realizadas três entrevistas: uma com cada uma das professoras, funcionárias do município de Porto Alegre, e a restante com duas

estagiárias que atuam na escola pelo Projeto Iberê nas Escolas³. Na Tabela 3 pode-se observar o perfil das quatro profissionais.

Tabela 3. Caracterização das professoras e estagiárias da Escola Municipal Neusa Goulart Brizola

Nome	Função	Formação	Tempo de profissão	Tempo na instituição
Helena	Professora	Licenciada em Artes Visuais Mestre em Administração Educacional	23 anos	
Adriana	Professora	Licenciada em História Bacharela em Direito Especializada em História e Memória Social	23 anos	20 anos
Camila	Estagiária	Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais - UERGS	-	04 meses
César	Estagiário	Graduando em Arquitetura e Urbanismo - UFRGS	-	02 meses

Fonte: elaboração da autora

3.5 A categorização dos dados

As transcrições das entrevistas foram cuidadosamente lidas, relidas e, em seguida, passaram pelo processo de análise de conteúdo. Segundo Franco (2008), a análise de conteúdo consiste em um procedimento metodológico que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento ao mesmo tempo que qualifica e sistematiza o material verbal, garantindo a generalização dos dados interpretados. A maioria dos procedimentos nesse método organiza-se em torno de um processo de categorização, como ressalta Bardin (1977):

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (BARDIN, 1977, p. 119)

De maneira a evidenciar os conteúdos mais explorados pelas entrevistadas durante suas falas, as categorias foram definidas a partir do critério semântico e à

³ O Projeto Iberê nas Escolas surgiu a partir de uma parceria da Secretaria de Educação de Porto Alegre com a Fundação Iberê Camargo. Tem o objetivo de qualificar o turno integral oferecido nas escolas municipais, auxiliando a formação das alunas nos eixos: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível. As atividades propostas pelas estagiárias arte-educadoras do programa integram EA, raciocínio matemático, leitura e escrita de diversos gêneros textuais e habilidades socioemocionais, tendo as artes e suas diferentes linguagens como teia (LINDENBAUM, 2019).

medida que certas temáticas surgiram nas falas, o que Franco (2008) chama de categorias criadas a posteriori. Esse processo permite maior riqueza de análises e exploração dos sentidos emergidos nas entrevistas. Depois de criadas as categorias, o conteúdo passa a ser comparado entre si e com teorias, levando em conta as convergências e divergências para cada temática.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir do método de categorização supracitado emergiram quatro categorias. A primeira, nomeada *pertencimento e valorização na catação de materiais*, contextualiza a iniciação das entrevistadas na profissão, mostra sua satisfação nesse trabalho e a importância da ASCAT em suas vidas. Além de discutir a visão muitas vezes preconceituosa em relação àquele espaço pelo restante da população. A segunda categoria, *aproximações entre catadoras e estudantes*, relata contatos passados atuais entre a ASCAT e instituições de ensino diversas, enfatizando os resultados positivos desses diálogos e o sentimento de valorização experimentado pelas catadoras nesses episódios. A categoria seguinte, *a EA nas escolas investigadas*, diz respeito às concepções de EA das professoras entrevistadas e os projetos que vem sendo realizados nesse âmbito pelas escolas analisadas, de forma a elencar possibilidades de intercâmbio com a cooperativa vizinha. Por último, em *possíveis barreiras à articulação*, são trazidos enfrentamentos cotidianos desses espaços sucateados pelo governo, de forma a refletir sobre possíveis motivos que desviam a energia das profissionais da busca pelo contato com a comunidade e da execução de EA. A seguir, cada uma das categorias é discutida e analisada.

4.1 *Pertencimento e valorização na catação de materiais*

As duas catadoras entrevistadas representam perfis opostos dentre as cooperadas da ASCAT. A primeira delas, Lourdes, é a integrante mais velha da cooperativa, hoje com 54 anos de idade, e acompanhou de perto todo o processo de reassentamento da Vila Cai-Cai e da fundação da Associação. Na outra ponta, Lisa completava seus exatos dois anos de cooperada no dia em que realizamos a entrevista e é quem costuma acompanhar e demonstrar o trabalho de triagem e compactação do material destinado à reciclagem aos grupos que visitam o galpão.

Apesar disso, suas percepções quanto relevância, adversidades e preconceito quanto à catação de materiais se encontram em diversos momentos. Além de que, como mulheres, representam a maioria naquele espaço, já que hoje, das 19 trabalhadoras da ASCAT, somente 5 são homens. Segundo Rosado e Heidrich (2016) as mulheres perfazem 70% do total de associados nas UTs de Porto Alegre. Essa proporção também vai ao encontro de trabalhos realizados em organizações de catadoras localizadas em outras regiões do país. Rolim, Teixeira e Fernandes (2015) em sua pesquisa na Região Metropolitana do Recife/PE citam a fração de 75,6% de cooperadas ou associadas, enquanto Teixeira (2015) em seu estudo em uma Associação de Viçosa/MG alcança a porcentagem de 86% catadoras.

Apesar da impressão inicial de que o trabalho da catação de materiais seja predominante masculino, diversos levantamentos, incluindo aqueles do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), mostram que mulheres são maioria nas formas organizadas da categoria. As taxas de desemprego entre mulheres é superior à dos homens em todo o mundo, o que pode explicar sua maior propensão em assumir trabalhos tidos como temporários ou menos atrativos (ROLIM; TEIXEIRA; FERNANDES, 2015).

A catadora Lisa expressa o que geralmente é imaginado como motivo para a entrada no ramo da catação de materiais recicláveis: a falta de opção. Teixeira (2015) comenta sobre a catação de materiais recicláveis como estratégia de sobrevivência encontrada por pessoas em situação de exclusão, condição por trás da iniciação nessa função por considerável parcela de associadas e cooperadas em galpões de reciclagem.

Catadora Lisa: Eu já tinha largado o currículo por tudo, tava difícil, tá difícil até hoje né, daí eu vim aqui me inscrever. Depois de quase um ano, depois de uns seis, nove meses elas me chamaram, daí. Aí eu dei graças a deus, larguei as crianças que eu tava cuidando pra aqui ganhar um pouquinho mais.

Já para Lourdes, o início na catação foi uma questão de escolha e um dos possíveis motivos que levam a uma maioria feminina nesses espaços: a possibilidade de aproximar o espaço de trabalho da casa e dos filhos.

Catadora Lourdes: Mas eu não trabalhava com reciclagem na época, eu era cozinheira, trabalhava como cozinheira. Aí quando a gente veio para cá eu tinha uma filha com dois anos [...] e eu trabalhava fora. Daí larguei meu emprego e comecei a trabalhar aqui, aí tive outra filha e eu achei que seria mais vantagem ficar perto dos meus filhos trabalhando aqui, que daí eu moro pertinho qualquer coisa eles vão chamar a gente, né.

A ASCAT surgiu ao mesmo tempo que e em meio à comunidade do Loteamento da Cavahada e com o intuito de suprir uma demanda de trabalho daquela população. Dessa forma, ser moradora dos entornos é praticamente norma para se estar na função de catadora naquele espaço. A cooperativa é um reconhecido espaço de trabalho por parte da comunidade de seu entorno, já que diversas dessas famílias já tiveram alguma de suas membras envolvidas na função.

Desde 2002 a atividade de catadora é reconhecida como categoria profissional ao ser registrada na Classificação Brasileira de Ocupação. As funções associadas à categoria abrangem desde a coleta e transporte dos materiais, passando pela seleção, triagem, prensa, amarração dos fardos e armazenagem até a comercialização.

Catadora Lourdes: Eu só trabalho na separação, né, e participo das reuniões quando tem que sair para algum lugar, assim, quem mais participa sou eu. [...] Eu trabalho só lá, mas não tem uma função para uma única pessoa. 'Assim dizer, tu vai trabalhar só lá'. Se é necessário a gente vêm pras prensas, as mulheres vêm para prensa, as mulheres ajudam carregar o caminhão, as mulheres fazem a limpeza lá fora, as mulheres fazem a limpeza no pátio, é um ciclo, não é uma única pessoa exclusiva para fazer. A única coisa que só os homens fazem é carregar as bombonas, porque é pesado, né, mas se é necessário a gente também faz.

A fala de Lourdes demonstra certa divisão entre funções masculinas e femininas, definidas conforme a força exigida, mas também reforça a quantidade das diversas tarefas necessárias para a manutenção e funcionamento do espaço de um galpão. Se por um lado o trabalho demanda funções administrativas, de transporte e de limpeza, por outro a única fonte de renda provém da venda dos materiais. Essa questão se torna complicada já que não há uma segurança quanto o valor a ser recebido, primeiro porque o recebimento de cargas de material e da qualidade desse material depende de fatores como políticas públicas em prol de uma melhor coleta seletiva e da participação da sociedade na separação domiciliar dos seus resíduos, e depois pela dependência dos preços definidos pelo mercado sobre sua matéria prima. Isso pode gerar um impasse quanto ao tempo e a energia despendidos e a renda recebida. Apesar disso, as catadoras entrevistadas se mostraram satisfeitas com o serviço.

Catadora Lisa: Tô [satisfeita], é um trabalho onde eu consigo me manter. [...] Claro, com muita persistência tua, com muita vontade, tu consegue construir algo grande, mas é uma coisa que eu consigo me manter, estabelecer e ainda consigo manter meu bem estar também.

Catadora Lourdes: Em partes sim, porque eu daqui tiro meu ganha-pão de todo dia, né. Claro que só daqui não tem condições, porque a gente não tá ganhando um valor bom, talvez agora melhore porque tá vindo mais material, né.

Ao serem questionadas sobre estarem satisfeitas ou não naquele trabalho, as catadoras demonstraram gratidão pela oportunidade de estarem ali e de terem uma possibilidade de renda, mas ambas trouxeram à tona a questão econômica. As catadoras entrevistadas na pesquisa de Teixeira (2015) indicaram que a falta de reconhecimento por parte da sociedade quanto ao tipo de trabalho por elas realizado transpassa para o valor de mercado a ele atribuído e, talvez, para a falta de um salário base para a categoria. É através da remuneração que se dá o reconhecimento do trabalho, a atual baixa remuneração da categoria indica que a sociedade ainda não dimensionou a situação em que sobrevivem as trabalhadoras das unidades de reciclagem, seja por desconhecimento seja por preconceito (FISCHER, 2006 apud VICENTE, 2015).

Em estudos realizados por Teixeira (2015) e por Vicente (2015), em outras organizações de catadoras, o trabalho no galpão foi citado como “bom e divertido” pelas catadoras entrevistadas, além de sempre ser por elas trazida a relevância ambiental na execução daquela função. O auto reconhecimento é um importante passo para a união da categoria, pois somente assim poderão lutar pela valorização, tanto por parte da sociedade quanto do governo, por serem as agentes ambientais que de fato são. A organização da classe em cooperativas e em associações pode auxiliar muito nesse processo. A representação do que é a ASCAT em suas vidas é expressa com muito carinho pelas catadoras Lisa e Lourdes, que relacionam as significações e importância da cooperativa com questões familiares suas e também com os ensinamentos dali retirados.

Catadora Lourdes: Quando a vila veio pra cá foi criada a Associação. Na Associação a maioria era a gente da minha família que tinha ajudado a montar a Cooperativa, a Associação, né. A minha família catava, eu que não. [...] Pra mim ela é muito importante por causa que, quando eu vim para cá, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu aprendi muita coisa em relação ao meio ambiente, a ensinar sobre a reciclagem, sobre o que que eu tô fazendo, qual é o meu papel na sociedade, o que eu represento agora, né. Eu acho que isso é importante em relação ao meio ambiente.

Catadora Lisa: Bom, a cooperativa tá na minha vida desde que eu nasci, porque meu pai trabalhou aqui, minha vó trabalhou aqui, meus tios, quase metade da minha família. E antes de vir pra cá eu falava ‘Que nojo trabalhar lá’. Sabe? Eu tinha meia vergonha, não gostava nem de vir aqui, [...] e aí começando a trabalhar aqui eu vi uma coisa bem diferente, né. Aqui eu amadureci mais, me ensinou muita coisa, coisas sobre reciclagem mesmo, que eu não

sabia eu aprendi aqui. [...] Quando eu entrei aqui eu vi as coisas de um jeito diferente e comecei a ver a vida também de um jeito diferente, então a ASCAT é uma parte da minha vida que nunca vai sair de mim.

Rosado e Heidrich (2016) atribuem a permanência na ocupação de catadora, apesar das duras condições de trabalho, dos baixos rendimentos e do estigma social, à justificativa ambiental, que atribui certa dignidade e gera uma espécie de “purificação” do lixo por quem com ele trabalha. Vicente (2015) também percebe um componente ético motivando outros sentidos ao trabalho, que vão muito além do ganhar pão, de forma que as catadoras percebem e entendem seu papel social para além das urgências da vida cotidiana. Isto é ressaltado quando a catadora Lisa comenta sobre a importância de explicar sobre seu trabalho e sobre a forma correta de separar os resíduos por motivos que vão bem além do benefício próprio: *“Eu procuro incentivar todo mundo, né, porque é uma coisa importante pro mundo, não pra mim porque eu tô aqui trabalhando, mas é pro mundo”*.

Contudo, apesar da nítida noção de pertencimento ao espaço do galpão e do entendimento da relevância das suas funções nos processos de reciclagem, as entrevistadas afirmam que a visão da comunidade sobre a ASCAT não é a mesma, inclusive a daquela que vive nos entornos da cooperativa. A catadora Lisa bem sintetiza essa percepção de não valorização do trabalho: *“Eu acho que uma parte da comunidade vê como um emprego digno, uma outra parte vê desnecessário e outra parte também sente nojo”*.

Filardi, Siqueira e Binotto (2011), que exploram a percepção do lugar social da catadora, também indicam que essas trabalhadoras percebem a desvalorização do seu trabalho por parcela da comunidade. 43% das catadoras por eles entrevistadas dizem que as pessoas reconhecem que seus serviços ajudam a limpar o ambiente, enquanto 57% percebem deboches vindos do resto da população e se sentem humilhadas em algumas situações, possivelmente pelo seu trabalho não ser valorizado e por ser associado à sujeira.

A partir de sentidos negativos construídos histórica e culturalmente sobre o que comumente chamamos de lixo surge o desejo de manter-se longe da sujeira, das pessoas e espaços a ele relacionados (ROSADO; HEIDRICH, 2016).

Os estigmas associados ao lixo são deslocados para os que com ele trabalham. [...] As práticas associadas ao lixo aparecem como símbolo da “baixa posição social”, deixando clara a relação de hierarquia, poder e distância (ROSADO; HEIDRICH, 2016, p. 287).

Dessa forma, percebemos a situação contraditória na qual a figura da catadora se encontra: se por um lado a importância da reciclagem é cada vez mais exaltada e entendida como essencial para cidades mais sustentáveis, por outro aquelas que a sustentam seguem sob olhar discriminador ou indiferente, marginalizadas devido ao material de seu trabalho.

É urgente que os estigmas atribuídos às catadoras de materiais sejam desconstruídos, questão dependente de uma divulgação crítica da temática, que possibilite a percepção pela sociedade da relação direta que existe entre a reciclagem e o trabalho das catadoras. Na situação exposta por Rolim, Teixeira e Fernandes (2015), ações realizadas pelos meios de comunicação e pelas escolas foram consideradas um diferencial pelas catadoras na atribuição de aspectos positivos sobre seu trabalho por parte da população, pois auxiliava estreitando a relação entre elas e a sociedade. O papel das instituições escolares e dos educadores é essencial na criação desse elo.

4.2 Aproximações entre catadoras e estudantes

A EA se torna o melhor meio de divulgar o trajeto por qual percorrem nossos resíduos e as personagens inseridas nesse processo, já que a questão dos resíduos sólidos e da reciclagem exigem reflexões do campo socioambiental. A escolha desse tópico como tema gerador para projetos de EA, ao lado da construção de hortas, já tem forte apelo por parte das professoras. Isso se dá provavelmente por possibilitar “não somente a compreensão de um dos mais graves problemas ambientais, mas também a possibilidade de intervenção seja na escola, seja no bairro” (SEGURA, 2001, p. 73). No entanto, na prática da EA, é percebida a ausência de discussões das razões explicativas do quadro de degradação ambiental, de forma a construir a relação entre os problemas ambientais e o contexto político, social, cultural e econômico existente (SEGURA, 2001).

Catadoras de materiais tem suas práticas diárias associadas à questão do consumo excessivo, à recuperação de matérias primas, ao cuidado com o meio e a inserção social por meio de um espaço de trabalho alternativo ao modelo capitalista. Dessa forma, propiciar o contato de estudantes com essas profissionais e às discussões inerentes ao trabalho por elas realizado através de uma EA crítica pode ser um importante canal para a construção de uma cidadania ativa, que para

Guimarães (2006, p. 190) é aquela que “percebe os problemas ambientais como decorrente dos conflitos entre interesses privados e coletivos, mediados por relações desiguais de poder que estruturam a sociedade contemporânea”. Fora isso, ter a possibilidade de estar nas escolas ou de receber alunas no galpão é gratificante para as catadoras, que consideram um diferencial atuar junto às crianças.

Catadora Lourdes: É bom. Antigamente, quando a gente ia nas escolas era melhor porque as crianças cobram muito dos pais na separação, né. 'Pai, isso aí tá errado. Mãe, tá errado, isso aqui não é assim.' Seria melhor se a gente pudesse participar de novo, começar a dar palestras nas escolas, né, porque a criança ela puxa muito, agora o adulto já joga de qualquer jeito...

Catadora Lisa: A gente fica feliz porque é uma coisa também importante pras crianças, já levar isso desde criança, que é importante separar o material.

Segundo as entrevistadas, um trabalho visando a conscientização quanto à questão dos resíduos realizado em escolas e com crianças se torna relevante, já que a preocupação quanto a correta separação dos resíduos, ao surgir ainda na infância, pode se transformar num hábito a ser levado para a vida adulta, além de possibilitar mudanças na própria comunidade, através da cobrança dessas crianças entre suas famílias. Pesquisas corroboram a afirmação de que crianças podem influenciar ativamente as adultas com as quais convivem quanto a valores, atitudes e tomadas de decisão através do compartilhamento dos aprendizados sobre meio ambiente adquiridos em atividades de EA (BALLANTYNE; FIEN; PACKER, 2001). Contudo, as autoras consideram importante que os projetos incluam familiares e a comunidade de alguma forma, seja nos “temas de casa”, seja na realização de pesquisas ou na apresentação dos seus resultados.

Ainda assim, apesar dos benefícios do contato catadora-estudante, os esforços para realizar essas aproximações parecem ter diminuído. Lourdes, a catadora que vivenciou todo o histórico da ASCAT, comenta sobre uma preocupação inicial das instituições de ensino quanto a questão das cooperativas de catadoras:

Catadora Lourdes: No começo a gente participava muito das escolas, aqui do Neusa, do Cônego até, vinha muita visita, a gente fazia visita em outras escolas. Hoje a gente não tem mais essas visitas, a gente tem visita de uma escola que é dos Maristas, da PUC e lá de vez em quando os escoteiros.

As escolas próximas da cooperativa são as primeiras a serem lembradas por Lourdes, o que demonstra já ter existido uma fase de trabalho mais intenso entre

essas instituições da comunidade. A fundação da cooperativa se deu poucos anos antes da implementação da coleta seletiva em Porto Alegre, possivelmente nessa época a discussão sobre resíduos fervilhava entre a população da cidade, o que pode explicar o contato de forma mais articulada entre cooperativa e escolas nos anos próximos a implantação da UT.

Quando questionadas sobre as instituições de ensino com as quais mantêm maior contato hoje, Lourdes citou a rede particular de ensino Marista, turmas de universitárias da Pontifícia Universidade Católica e grupos de escoteiras. Fora estes, Lisa disse também atender a Escola Neusa Goulart e grupos da UFRGS. Contudo, é a atividade realizada com as jovens da Pastoral Juvenil Marista, na qual grupos de estudantes tem uma vivência diferenciada auxiliando as catadoras em diversas atividades do galpão de reciclagem, que é ressaltada nas falas das entrevistadas.

Catadora Lourdes: Com os Marista eles ficam três dias com a gente, eles trabalham com a gente, a gente ensina, eles ficam na triagem, na prensa, eles ficam trabalhando catando com a gente, trabalham igual. O grupo que vem da PUC eles só vem fazer visita, a gente mostra tudo, conversa com eles daí depois eles vão embora. Mas os Marista eles ficam 3 dias com nós.

Catadora Lisa: E vem outras escolas aqui também, [...] trabalham com nós, conhecem o nosso trabalho mais a fundo. Trabalham mesmo com nós, vão pras prensas, bombonas, vão pro cesto, vão pro plástico, já foram pro alumínio também, já limpam lá atrás, fizeram faxina também. Então eles vêm e interagem com nós e a gente fica feliz, né, porque é um reconhecimento que a gente tá ganhando e eu acho que é muito importante. Eu fico feliz quando vem alguém querer conhecer, alguém querer saber, eu fico muito feliz porque é um trabalho que nem todo mundo vê, assim, né. Não é todo mundo que olha e diz 'Eu fico feliz por ter um galpão na nossa comunidade.' Ninguém fala isso, entendeu? Até porque são poucas pessoas que separam o lixo aqui também.

Além dos aprendizados que podem ser adquiridos na prática pelos jovens nessas atividades de vivência no galpão quanto a trabalho cooperativo, inclusão social, gerenciamento dos resíduos, dentre tantos outros, é notável o sentimento de valorização e orgulho pela profissão experimentados pelas catadoras nessas situações. O reconhecimento social do trabalho de catação é um processo em construção que se dá através da progressiva aproximação das trabalhadoras com a sociedade, “esse reconhecimento também está relacionado a como o catador se percebe, se valoriza e reconhece a importância de seu trabalho” (ROLIM; TEIXEIRA; FERNANDES, 2015, p. 216). É preciso que haja uma preocupação com a autoestima dessas trabalhadoras, que frequentemente carregam sentimento de insegurança e de

inferioridade frente às humilhações sofridas, de forma a não diminuir sua potência de ação.

Infelizmente, quando se trata das escolas públicas próximas à ASCAT, os encontros passaram a ser esporádicos. A catadora Lourdes, quando questionada sobre uma possível relação com a Escola Neusa Goulart e o Colégio Cônego Nadal, respondeu não ter um contato muito forte e somente lembrou ter recebido, algumas semanas antes, uma equipe do Neusa para uma visita e para conhecer o local. Enquanto a catadora Lisa, apesar de comentar já ter guiado alguns grupos das escolas em questão, trouxe o ponto das suas propostas frequentes para que houvesse uma organização para que a cooperativa recolhesse os resíduos recicláveis dessas escolas, em especial os do Colégio Cônego Nadal, no qual havia recentemente concluído os estudos.

Catadora Lisa: Eu me formei esse ano no Ensino Médio. E eu todo momento no colégio perguntando sobre a separação, a direção meio que enrolando, no Cônego ali, né. Eu me formei no Cônego. Eu sempre procurava conversar, eu sempre comento aqui que a gente pode pegar o material das escolas, né, conversar como é que elas fazem, pra gente coletar o material da escola. E eu sempre dou ideia, né, se surge o caso de algum professor se interessar, né, porque os professores também vem aqui.

A parceria cooperativa-escola no recolhimento dos resíduos, desde que fosse oportunizado o contato regular entre catadoras e comunidade escolar, poderia ser uma potente forma de trabalhar a gestão dos resíduos da escola. Primeiro porque o contato continuado entre as instituições e um maior trânsito das envolvidas entre um espaço e o outro estreitaria relações interpessoais, aumentando a possibilidade da realização de ações educativas referentes à temática dos resíduos com as estudantes. Depois, porque é mais provável que se gere um sentimento de responsabilidade entre as estudantes pelo lixo por elas descartado caso exista alguma relação afetiva entre estas e aquelas que lidarão com o material, a etapa de sensibilização seria mais potente. Infelizmente, parece não ter havido interesse por parte da equipe diretiva da escola para efetivação dessa parceria.

O Colégio Cônego Nadal, segundo a professora Liliam, já realiza a separação dos seus resíduos e a coleta seletiva. Nas suas palavras “Um que outro ainda não sabe o que que é lixo orgânico e lixo seco. [...] Então tem uma dificuldade, mas eles tentam, colaboram.” Considerando que os passos iniciais de inserir os diferentes recipientes nos espaços das escolas e de obter aceitação das alunas e das

professoras já foram tomados, firmar uma parceria com as cooperadas seria simples e só traria benefícios.

Enquanto isso, na Escola Neusa Goulart, a separação dos resíduos não vem ocorrendo. Conforme a fala de professora Helena, a muito tempo atrás os resíduos todos eram corretamente separados e depositados em frente à escola para recolhimento pelos caminhões da prefeitura nos dias corretos. Ela alega que esse retrocesso se deu pela redução dos esforços das Secretarias de Educação municipal em processos de formação para professoras, focadas na temática em estudo; e na desorganização das relações profissionais entre DMLU e a empresa contratada para recolhimento do material, pois afirma que o caminhão da coleta seletiva não tem passado na rua da escola.

As duas professoras entrevistadas na escola disseram estar tentando resolver problema quanto a ausência do caminhão da coleta de material com o DMLU e, a partir disso, começar então a trabalhar a questão quanto a correta separação com as alunas e as funcionárias da escola.

Professora Helena: Mas assim, isso do caminhão não passar aqui é um absurdo, né. [...] Então a ideia nossa agora é conseguir fazer uma parceria com as funcionárias, com a escola. Acho que agora vamos começar a trabalhar essa ideia de separar o lixo nas salas, em toda escola, colocar no dia certo ali fora, sabe? [...] Vamos tentar fazer agora, vamos ver como vai funcionar para envolver toda a escola, não sei.

Professora Adriana: É um absurdo que uma escola que fica no local onde tem um galpão de reciclagem não tava separando o lixo. Não passa o caminhão também. Na sala dos professores a gente separa, sempre separa o lixo, mas aí quando sai da sala dos professores mistura tudo, então acho que tem um lado também do mais fácil, mais cômodo.

Através das falas nota-se uma preocupação quanto à possível dificuldade de envolvimento de toda a escola. Parece haver uma inércia frente à atual comodidade de não precisar se preocupar com o assunto, já que o caminhão da prefeitura recolheria tudo misturado de qualquer maneira. Apesar de não ter sido ponderado nem pela professora Helena nem pela Adriana, o diálogo com as profissionais da cooperativa poderia ser um diferencial nesse processo, principalmente por ambas as professoras consideram essa situação absurda e estarem dispostas a atentar a comunidade escolar para o tema.

Professora Adriana: Eu assumi [na vice direção] dia 3 de setembro e uma das primeiras coisas que eu resolvi ir atrás é a questão da separação do lixo, porque eu acho que se criar um hábito de eles separarem o lixo, eles vão levar isso pras casas também. Eu acredito que em casa, mesmo tendo o galpão, tem muita casa que não recicla. Porque tu pode observar pelos

entornos, eles jogam lixo na praça ali, queimam pneu também, mas eu acho que dá pra começar pela escola.

A fala da professora Adriana vai ao encontro com o que O’Riordan (2006) defende que seja uma educação para a sustentabilidade. Para ele a escola funcionaria como um laboratório de boas práticas, de forma a servir de espelho para a comunidade que passaria a adquirir a cultura sustentável promovida nas salas de aulas. Percebendo que os resíduos fazem parte do cotidiano dessas alunas e das moradoras do Loteamento, é essencial que haja uma formação crítica sobre o tema, de forma que as educandas sejam capazes de agir sobre sua realidade a partir de transformações sociais que visem a sustentabilidade.

Atualmente o contato entre a cooperativa e as escolas Neusa Goulart e Cônego Nadal parece ser bastante frágil. Segundo as professoras entrevistadas no Colégio Cônego Nadal, não há nenhuma parceria ou projeto em andamento com a ASCAT no momento. A professora Mari indicou que a escola pretende agendar visitas com as alunas da Classe de Aceleração⁴ (CA) para a UT Cavalhada, bem como para outros locais de preservação ao meio ambiente, de forma a embasar reflexões para as atividades relacionadas ao ambiente realizadas com a turma. No entanto a direção da escola ainda está considerando como deverá proceder para que as saídas se realizem. Fora isso, a professora Liliam se recordou de um ex-professor de ciências, formado em química, que costumava levar suas turmas até o galpão. Contudo, essas visitas estavam relacionadas somente ao conteúdo por ele trabalhado e a uma identificação pessoal dele com o tema. Essas saídas não faziam parte de um projeto maior da escola, não estavam estruturadas, dessa forma, no momento em que o professor saiu da escola, os encontros também cessaram.

Processo semelhante parece ocorrer na Escola Neusa Goulart, no qual aproximações cooperativa-escola são eventos pontuais.

Professora Adriana: Com a cooperativa não, só com coisas isoladas, assim, visitas...[...] Nunca teve um projeto de 'Ah, vamos trocar coisas com a cooperativa.' De tempos em tempos, quando alguma turma trabalha o assunto se faz uma visita, só isso. [...] Nunca teve um projeto organizado, estruturado, com a cooperativa.

⁴ As Classes de Aceleração são um sistema de aprendizagem instituído pelo Ministério da Educação em 1997 com a finalidade de corrigir distorções no fluxo escolar, ou seja, colocar as estudantes no ano adequado às suas idades.

A professora Helena traz ainda a questão dos assuntos relacionados a cooperativa e às catadoras como um todo terem passado a ser menos discutidos após o fechamento do EJA da escola. A EJA era ocupada por diversas catadoras que buscavam concluir seus estudos e acabavam por trazer as problemáticas parte do seu dia a dia para o espaço das salas de aula.

Professora Helena: Não, agora não. Há muitos anos atrás nós tínhamos alunos de lá de noite, estudavam aqui conosco. Então a gente conversava muito, trabalhava muito sobre isso. [...] Mas depois o próprio município encerrou essa escola aqui conosco, né, e aí a gente foi pra outros lugares, foi trabalhar de dia e tal. Depois perdeu-se esse trabalho, hoje em dia a gente tem os filhos das pessoas que trabalham lá, mas não é um envolvimento próximo mais, não é não. Seria bem bom ter alguma coisa nesse sentido.

A fraca ligação entre as estudantes e as catadoras se relaciona com um certo distanciamento escola-comunidade. A estagiária Camila comenta sobre a escola ser um lugar no qual as famílias confiam suas filhas, mas pouco participam na construção do espaço ou nos processos de ensino aprendizagem. A professora Adriana cita a falta de contato com a comunidade como sendo um dos problemas da escola e comenta sobre o desejo de uma integração maior com a comunidade através de projetos que envolvessem pais e famílias. Hoje as familiares frequentam a escola basicamente em momentos festivos e em entregas das avaliações, *“não tem uma coisa mais fechada que os pais pudessem participar e colaborar com a escola, criar um vínculo mais afetivo, não tem”*.

Mais recentemente foi dado um novo pontapé, através do trabalho que vem sendo realizado pelas estagiárias, que pode servir para reaproximação da escola tanto com a comunidade quanto com a cooperativa. A questão dos resíduos tem sido bastante presente nas suas práticas já que um dos seus objetivos é a criação de um sucatório para a escola. Elas vinham, com as turmas com as quais vem trabalhando, coletando resíduos pelo bairro ou escola para a confecção de roupas para a organização de um desfile de modas na escola. A partir dessa ideia se iniciaram uma série de contatos com as cooperadas vizinhas. A estagiária Camila comenta que, junto ao seu colega, percebeu que *“os alunos não tinham uma ligação direta, mesmo com os familiares trabalhando, pais e mães trabalhando. E eles tinham até de certa forma um pouco de preconceito com essa coisa de colocar a mão na massa”*. Para ela, a relação que existia acabava por se basear em pedidos por materiais para trabalhos da escola.

Levando em conta as ações e discussões que desejavam construir com as estudantes, as estagiárias organizaram tanto uma visita das alunas para a UT quanto a palestra de um dos catadores para as turmas.

Estagiário César: Quando eu chamei eles para tocarem essa ideia [com a escola] eles toparam super, até falaram que eles já vieram umas poucas vezes aqui na escola. E eles são vizinhos, precisam se conversar. Foi feita essa relação, foi super produtiva. [...] Foi engraçado que até algumas pessoas que tem parente que trabalham ali no galpão não tinham ideia da dimensão do trabalho. [...] Nos falaram a quantidade de material que tinha lá, e disseram que lá não tinha nem 1% do que é resíduo em Porto Alegre. Eles ficaram bem chocados, assim. Aí depois vimos toda a questão do processo como fazer a separação pelo tipo de material, como eram as prensas, foi bem interessante, explicaram para gente como funcionava.

O estagiário considerou essas trocas como produtivas e se surpreendeu com o desconhecimento das estudantes sobre o volume de resíduos que chega até ali. O fato de que nem mesmo aquelas alunas que eram parentes de trabalhadoras da ASCAT terem conhecimentos sobre o serviço só reforça o apagamento do espaço do galpão entre a comunidade, retomar a pauta da coleta seletiva e das catadoras de materiais é importante para resgatar a potência desse espaço e dessas mulheres e a escola deveria ter um importante papel nisso. Essas aproximações recentes com a Escola Neusa Goulart foram trazidas pelas catadoras nas entrevistas, Lisa comenta entusiasmada sobre o encontro com as alunas:

Catadora Lisa: O Neusa, acho que mês passado, eles vieram aqui, o nosso colega foi lá, fez uma palestra, mostrou como é que se separa o material. Eles vieram aqui, conheceram, adoraram, fizeram um fuzuê, brincaram, tiraram foto, ficaram todos felizes.

Através da fala nota-se a importância da inserção das alunas no espaço de galpões de reciclagem, pois além da possibilidade de um conhecimento mais teórico sobre o assunto, a dinâmica de ir para um espaço diferente do da sala de aula cotidiana é importante e um incentivo às estudantes. Fora isso, podemos perceber que os possíveis preconceitos citados anteriormente parecem ter se dissipado durante as práticas realizadas pelas estagiárias. É muito importante que se mostre a imagem da catadora de forma a evitar estigmatizações sobre a figura, principalmente quando existem filhas dessas mulheres na escola, já que o preconceito dessas crianças por parte das colegas pode ser comum. Rolim, Teixeira e Fernandes (2015) identificaram que muitas vezes as próprias filhas não apoiavam a profissão das familiares na catação reflexo da discriminação que sofrem na escola. Miura e Sawaia (2013), citadas pelas autoras anteriores, obtêm dados semelhantes quanto às filhas de

catadoras e discorrem, inclusive, sobre um caso em que as filhas de uma das trabalhadoras pesquisadas deixaram de frequentar a escola por motivo de preconceito por sua mãe ser catadora.

Galpão de reciclagem e as escolas do estudo se conhecem e mantêm uma relação semelhante que se baseia em encontros eventuais e em famílias de algumas estudantes atuando como trabalhadoras do galpão. Ainda assim, na Escola Neusa Goulart parece ter, além de uma maior histórico de aproximações catadoras-estudantes, mais disposição para os contatos com a comunidade. A professora Adriana comenta sobre a predominância dentre alunas que vivem no próprio loteamento cavalhada. Após o início do turno integral na escola alunos de outros locais perto se matricularam, mas a característica de escola de bairro se manteve.

Enquanto isso, o Colégio Cônego Nadal conta um público vindo de uma maior diversidade de regiões cidade. Segundo as professoras entrevistadas, algumas alunas moram no entorno, mas muitas vêm dos bairros localizados mais em direção à zona a sul, como Belém Novo, Restinga e Lami. Essa ausência de uma conexão maior com o território no qual a escola se localiza pode reduzir as tentativas de aproximação escola-comunidade, bem como com os recursos presentes no entorno, incluindo a cooperativa de catadoras.

4.3 A Educação Ambiental nas escolas investigadas

A proximidade existente entre as escolas analisadas e a ASCAT visando um trabalho conjunto em prol de sensibilização e ações que aprimorem a gestão dos resíduos na comunidade é importante, mas vem acontecendo de forma superficial. Essas aproximações dependem da visão do corpo docente quanto aos objetivos e das suas definições do que é EA, pois somente uma prática política, que atua na e com a comunidade poderia resultar numa relação próxima entre estudantes e catadoras. Dessa forma, visualizar que tipo de EA vem sendo realizada pela escola, quais os instrumentos e assuntos vem sendo abordados e as dificuldades enfrentadas pela escola são pontos importantes para entender a viabilidade de se inserir o cotidiano do entorno da escola, e conseqüentemente a cooperativa, nessas ações e projetos.

As professoras das duas escolas em análise se dizem preocupadas com questões ambientais e em realizar projetos ou ações de EA com suas alunas. No entanto, parece haver uma discrepância entre quantidade e qualidade de projetos

comparando a instituição estadual com a municipal. As professoras e estagiárias da escola municipal, a Neusa Goulart, discorrem mais quando perguntadas sobre os projetos de EA desenvolvidos, sugerindo um maior empenho, tempo ou espaço para se dedicar a essas ações, enquanto as do Colégio Cônego Nadal, estadual, citam mais brevemente os temas trabalhados e as atividades feitas.

O Colégio Cônego Nadal trabalha em projetos por áreas de aprendizagem, entre um e dois por trimestre, que se desenvolvem a partir de um tema gerador definido pelas alunas. A professora Liliam cita os temas que conduziram os projetos do primeiro e do segundo semestre de 2019: alimentação saudável e mostra científica. No entanto, é para o projeto do terceiro trimestre, que consistiu na Gincana Ambiental, para o qual as professoras mais chamaram a atenção. Esse projeto foi uma sugestão trazida por um palestrante com o intuito de desafiar as alunas. Ele durou três dias e incluiu atividades físicas, artísticas e educativas.

Na gincana a temática dos resíduos foi incluída numa prova em que as alunas deveriam construir esculturas a partir do rejeito (resíduos não passíveis de compostagem ou de reciclagem, que atualmente tem como único destino o aterro sanitário). Alunas e professoras, juntas, pesquisavam objetos que poderiam ser construídos e, a partir disso, surgiram bancos, quadros, vasos de plantas, entre outros, que puderam ser aproveitados em suas casas ou mesmo ficaram na escola. A professora Mari comenta sobre a grande repercussão da atividade já que seu envolvimento foi para além da escola e incluiu a comunidade, pois eles precisavam trazer materiais de casa ou doados por vizinhos e parentes para a confecção das esculturas.

É pertinente atentar para a proposição dos temas geradores para os projetos da escola ser feita pelas próprias estudantes. Esta é uma forma simples de permitir com que sejam trazidas problemáticas presentes em seu dia a dia, porém, quando se trata de um projeto estruturado em EA essa questão poderia ir além, de forma a integrar toda a comunidade escolar e residente do entorno da escola nas decisões quanto aos rumos do projeto, no que Guimarães (1995) chama de planejamento participativo. Para o autor, o planejamento é etapa fundamental quando se fala em educação popular visando a transformação social. Planejamento esse que inclui professoras, alunas, segmentos comunitários e agentes sociais, pois seria através da participação dessas diferentes figuras e das suas diferentes visões de mundo que as ações visando a resolução dos problemas diagnosticados seriam organizadas. Dessa

forma a EA estaria comprometida com a realidade ambiental do entorno e a cidadania seria exercida pelas envolvidas. A comunidade, visualizada na figura das familiares e vizinhas, aparece nas atividades realizadas pela escola, mas não de forma ativa na elaboração do projeto.

A professora Mari conduziu também um trabalho com sua turma da CA que se fundamentou na conscientização da utilização do plástico no meio ambiente. O trabalho envolveu todos os professores das disciplinas da CA e se embasou em reportagens sobre a temática, em discussões referentes ao conceito de “lixo” e em imagens artísticas que chamam a atenção para a quantidade de plásticos nos oceanos. A professora comenta que as alunas “pesquisaram quanto mal o plástico faz nos rios, mares e oceanos aos animais que ali vivem, refletiram sobre o quanto somos responsáveis por nosso planeta e através de redações e debates colocaram suas considerações e posicionamentos. As discussões culminaram na confecção de sacolas ecológicas com camisetas fora de uso, para que fossem utilizadas em supermercados, feiras, entre outros locais, nos quais a utilização de sacolas plásticas ainda faz parte do cotidiano.

O fato de professores de diferentes áreas terem se envolvido em torno do mesmo trabalho é um diferencial para a formação de uma visão integrada de ambiente e não somente aquela mais tradicional, na qual a ênfase está nos conhecimentos das ciências naturais. Contudo, o enfoque parece ter se sustentado nos malefícios dos plásticos em rios e oceanos e para a sobrevivência da fauna. Existem diversos problemas relacionados a resíduos na comunidade do entorno da escola, além da presença da cooperativa de reciclagem (possível solução para alguns desses problemas), assim, me questiono, até que ponto a discussão se manteve sobre um ambiente distante do das alunas enquanto poderia estar se utilizando dos ricos recursos disponíveis ao redor da escola?

Chassot (2006) discorre sobre a relevância das problemáticas ambientais levados pelas professoras para as salas de aula. Para o autor, temas próximos das alunas, apesar de alguns rotularem como irrelevantes, são suficientemente pertinentes para a formação de adultas críticas.

Há aqueles que, quando se fala em preservação do meio ambiente, pensam no que se poderia fazer para evitar o aumento do buraco na camada de ozônio ou minimizar a chuva ácida, [...] Há outros que se comovem com a extinção das baleias azuis ou com o desaparecimento de alguma variedade de beija-flor.

Tudo isso é importante... mas nossa relação com o ambiente é mais próxima. O riacho do nosso bairro, o lixão da vila ou o esgoto sanitário da nossa rua são preocupações tão (ou mais) importantes que as campanhas pelo não-uso de derivados de fluorcarbonetos. (CHASSOT, 2006, p. 406)

A professora Liliam comenta que, para além da Gincana Ambiental, não são desenvolvidos projetos específicos de EA. Provavelmente ela se refere aos trabalhos conduzidos com as turmas nos horários regulares, já que as turmas da CA parecem conseguir produzir discussões acerca de problemáticas ambientais. Uma ação levantada pelas duas entrevistadas foi a campanha para arrecadação de tampinhas de garrafas, na qual a escola faz a coleta junto à comunidade para arrecadar verbas para suprir algumas dificuldades financeiras da escola. A venda de materiais recicláveis pode ser uma eficiente solução para suprir a falta de recursos, resultado do descaso com a educação dos últimos governadores, pela qual vêm passando as escolas estaduais. Porém, para que ações desse tipo sejam consideradas EA, elas deveriam então ser parte de um projeto maior, a nível de escola, incluindo pesquisas, debates e troca de informações sobre o assunto, o que não parece ocorrer.

A Escola Neusa Goulart parece ter um histórico mais consistente em projetos de EA. Aigner (2002), em sua pesquisa do mestrado, analisou práticas pedagógicas relacionadas à EA em escolas voltadas à educação popular, dentre elas a Escola Neusa Goulart. O autor relatou projetos que, através de pesquisas sobre a percepção e diagnóstico ambiental do espaço no qual a escola se localiza e modificações do espaço físico da escola, buscavam trabalhar regras de convivência e afetividade, além de projetos em parceria com o Morro do Osso, Unidade de Conservação municipal vizinha à escola. Uma EA que envolve a comunidade e se utiliza do cotidiano das alunas parece fazer parte do histórico da escola. A professora Adriana corrobora com o ganho dos projetos iniciados nessa época, que para ela, geraram benefícios que se perpetuam até hoje na escola.

A EA hoje na escola está se dando a partir de iniciativas individuais de professoras ou através de projetos externos, sendo os que vem acontecendo de forma mais continuada o projeto da horta e aquele desenvolvido pelas estagiárias do Iberê. O projeto da horta é recente na escola e vem sendo conduzido pela professora Helena com algumas alunas do 5º ano durante duas tardes na semana. As crianças envolvidas estão bem apropriadas dos conhecimentos sobre os itens alimentícios que

estão produzindo, sobre compostagem, sistemas de irrigação, dentre tantos outros assuntos que podem se desenrolar a partir de uma horta.

As alunas participaram de todas as etapas da construção do espaço, desde o cercamento do espaço e da abertura dos canteiros, até a colheita do que produziram. A sensibilização das estudantes está se dando de forma prazerosa, o que resulta em alunas empenhadas e felizes com sua produção. Para Guimarães (1995) é importante envolver as educandas tanto em seu lado racional como no emocional, a realização de atividades lúdicas e criativas é o que permite envolver integralmente as estudantes nas propostas em EA. O cultivo das hortaliças permite também vivências que vem sendo perdidas entre crianças que vivem em cidades e acaba por se aproximar da realidade das familiares das estudantes, pois, segundo a professora *“Tem muita gente aqui da comunidade que tem esse perfil de vir do interior, de gostar de plantar e as crianças acabam não vivenciando mais isso muito”*.

Infelizmente, somente uma professora atua no projeto, ou seja, ele ainda não se dá de forma interdisciplinar, e somente um número reduzido de alunos participa ativamente das práticas, pois, segundo a professora Helena, o processo é muito lento e sozinha ela não consegue gerenciar um grupo maior de estudantes. Ainda assim, quando assuntos relacionados são trabalhados em outras turmas, ocorrem visitas no espaço. Uma turma da Educação Infantil que recentemente havia trabalhado alimentação saudável foi conhecer a horta e aprender um pouco sobre os alimentos que vinham sendo cultivados na escola, por exemplo. O objetivo da professora é buscar associar outras turmas da escola em alguma atividade do projeto, mas isso deve se dar de forma gradual e espontânea.

O potencial educativo de uma horta no ambiente escolar é enorme. Além de possibilitar o estudo de inúmeros componentes curriculares, abre espaço de comunicação com a comunidade. Trocas de conhecimentos e de mudas com as famílias poderia ser uma forma descontraída de aproximação escola-comunidade, já que a falta de integração da escola com seu entorno é uma dificuldade citada por diferentes entrevistadas. Fora o contato com as famílias, a horta poderia ser motivo de diálogo com a cooperativa. O tema dos resíduos acaba por se fazer presente na construção da horta em diferentes níveis: na conversa com as funcionárias do refeitório para a separação dos orgânicos usados na composteira, na reserva de folhas usadas na sala de aula para usar como parte seca no composto e na reutilização de embalagens para utilizar nos plantios. Discussões críticas acerca da

produção e separação dos resíduos poderiam ser muito produtivas, já que muito vem sendo feito na prática. Fora isso, a cooperativa também possui uma horta. Unir iniciativas semelhantes para trocar informações e técnicas poderia ser mais uma forma de estreitar a relação entre as instituições.

Enquanto isso, as estagiárias do projeto Iberê vêm trabalhando com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental em duas frentes principais: a criação de um sucatório, anteriormente citado, e a construção de um espaço positivo na escola. A partir de uma escolha das próprias alunas, o pátio da escola vem sendo limpo, bioconstruções de bambu para o espaço vem sendo feitas e o ajardinamento da área vem sendo planejado. Dentre os objetivos alcançados está a construção da noção de pertencimento quanto ao espaço da escola por parte das alunas. A estagiária Camila entende que uma conexão das estudantes com a escola é essencial para que elas prezem pelo espaço e se sintam bem nele. Preocupação que, caso não venha a partir das próprias estudantes, pode ficar esquecida, já que a estrutura das escolas não vem sendo prioridade para o governo e as professoras podem ter diversas outras questões com as quais se atentar.

Estagiária Camila: Então pra galera criar uma conexão com esse espaço, eles tão aqui sempre, acaba a aula e eles pulam o muro pra jogar bola. Eles comem aqui, eles vivem aqui manhã e tarde, saem às quatro horas e aí voltam pra jogar bola, ficam aqui até que não tenha mais luz. Então cuidar desse espaço, que se a gente não cuida as coisas vão ficando... a escola tem quinhentas coisas pra pensar, o governo nem tá pensando... então eu acho que eles têm que perceber que se a gente não cuidar do espaço que é nosso, as outras pessoas muito menos.

Para o estagiário César essa noção de pertencimento pode se estender quanto a sua posição na comunidade.

Estagiário César: Quanto mais eles se mexem, mais trabalham, mais eles se sentem pertencentes desse espaço e a gente tem que começar a fazer isso com essa própria comunidade, através dessa gurizada buscar a própria comunidade pra eles se entenderem como grupo, como coletivo.

O trabalho por eles realizado serve para demonstrar como não é preciso grandes recursos para promover uma EA verdadeiramente crítica. O pátio da escola foi o ponto inicial do projeto que buscava potencializar um espaço de convivência. A partir disso foram surgindo outras questões, como a dos resíduos, associados à construção do sucatório, mas também porque o pátio da escola estava bastante sujo.

Nesse momento se aproximaram da ASCAT, o que possibilitou uma ampla visão sobre o tema para as alunas. O projeto vai iniciar a etapa de plantio de mudas e confecção de objetos de decoração, a partir disso surge a preocupação entre as professoras para que toda a escola se envolva em alguma ação, como forma de manter o espaço.

Professora Adriana: Eu inclusive conversei com o pessoal do Iberê porque não adianta eles tentarem transformar o espaço que eles estão transformando, né, já limpam o espaço, vão plantar, vão fazer canteiros e tal. Eu entendo que tem que toda a escola participar, porque eu só vou cuidar se tiver algum sentido pra mim e eu me sentir integrante daquele espaço, tem que ter um significado e eu tenho que sentir pertencer a aquele espaço, né.

A forma orgânica como uma ação foi se integrando à outra durante o projeto desenvolvido pelas estagiárias pode ser considerada um modelo de EA, pois a partir de uma problemática levantada na própria escola, assuntos de diversas áreas foram discutidos, desde a palestra com o catador cooperado da ASCAT, até o desenvolvimento de uma lógica matemática a fim de planejar o espaço, organizar medidas e escalas ou mesmo o uso da arte nas construções com os bambus encontrados na escola.

A professora Adriana, agora no cargo da vice direção, está buscando ampliar a EA na escola, de maneira que deixe de ocorrer somente a partir de iniciativas isoladas e se torne um projeto a nível de escola. Para ela, a EA é “*um processo que tem que ser contínuo, não dá pra ser coisas isoladas de vez em quando, tem que ser contínuo e tem que ser modificação de toda a escola*”.

A professora possui um entendimento interessante sobre o que é EA, que acaba por transpassar nos projetos desenvolvidos na escola.

Professora Adriana: Pra mim a minha ideia de EA é a seguinte: não é aquela coisa assim 'Ah, eu tenho que respeitar o planeta', 'Eu tenho que cuidar do planeta'. Tem, mas primeiro eu tenho que me respeitar, se eu me respeitar eu vou respeitar o outro e vou respeitar também o espaço do outro, enfim, é uma coisa que não tem como começar do maior pro menor, eu acho que pelas pequenas coisas, o respeito consigo, com o outro e depois com o planeta.

Para ela, uma das dificuldades para a proposição, planejamento e iniciação do projeto é a supressão das reuniões pedagógicas da grade horária dos professores municipais por parte da Secretaria de Educação. A equipe de professoras está tendo que organizar reuniões em horários alternativos para que haja uma comunicação entre elas a fim de unificar desejos e ações enquanto escola. Contudo, o diálogo já se iniciou

e algumas professoras se mostraram interessadas, e, depois que o projeto estiver em andamento, o restante da equipe vai aderindo por convencimento.

Um dos enfoques parece que será a questão dos resíduos, em concordância com os esforços das professoras para que o caminhão da coleta seletiva passe em frente à escola. Apesar de ser um tema que, conforme a entrevistada, já apareceu em diversos momentos durante seus anos de atuação na escola, é percebido como novamente necessário, já que hoje os resíduos não vêm sendo separados nas salas de aula, o pátio se encontra muito sujo e faltam lixeiras em algumas partes da escola. Ela se mostrou empenhada em resolver essas questões durante seus próximos três meses no cargo de vice diretora.

O desenvolvimento de projetos de EA em maior consonância com o que é defendido por pesquisadoras da área parece acontecer mais na escola municipal em comparação a estadual. Isso é reflexo as diferenças entre a organização das escolas de cada uma das esferas, além do diferente histórico de precarização. A escola municipal funciona em tempo integral, dessa maneira possui mais tempo para trabalhar conteúdos alternativos, sem abrir mão do tempo destinado aos conteúdos programáticos tradicionais. Guimarães e Vasconcellos (2006, p. 156) defendem que “a organização disciplinar da Escola é uma das principais dificuldades para a formação de uma visão de mundo mais integradora da realidade”. No momento em que a escola tem um turno somente destinado a projetos, essa dificuldade é amenizada.

Além disso, a partir de relatos das entrevistadas, as professoras da rede municipal parecem ter tido mais formações sobre o assunto e assessoramentos em seus projetos ao longo do tempo. Nesse ponto as professoras estaduais parecem estar mais desamparadas, fora todas as outras questões com as quais precisam lidar.

4.4 Possíveis barreiras à articulação

Após a discussão quanto a fraca articulação entre a ASCAT e as escolas públicas do seu entorno devemos nos atentar de que isso não se deve à falta de empenho ou de vontade de construir relações mais produtivas com seus vizinhos ou mesmo à ineficiência das profissionais envolvidas. Escola, quando pública e de periferia, e cooperativa de reciclagem são espaços esquecidos pela população e pelo poder público e por isso acabam por esbarrar em inúmeras adversidades a fim de se manterem funcionando. Algumas dessas barreiras serão expostas a fim de

visualizarmos possíveis motivos para a não construção de projetos coletivos entre as instituições.

Quanto às escolas, dificuldades de aprendizagem, infrequência e evasão são frequentemente citadas durante as entrevistas. A professora Adriana relaciona essas questões mesmo com a comunidade do entorno, na qual muitas famílias passam necessidades financeiras, além de vivenciarem violências relacionadas ao tráfico.

Professora Adriana: Aqui agora a gente não tem o problema da violência como a gente já teve há alguns anos. A gente tinha um problema muito sério de violência no entorno, né. Tinha toque de recolher, dava muita briga de facção, dava tiroteio, dava uma série de coisas. De alguns anos pra cá a gente não tem vivenciado tanto isso, né, a história dos tiroteios parou, mas a gente sabe que as vezes final de semana acontece brigas ou mortes e tal, né.

Fora isso, esses espaços também vêm sendo sucateados em ritmo alarmante durante as últimas gestões, nos quais recursos são reduzidos e projetos são cortados, seja nas escolas estaduais seja nas municipais, ainda que em escalas diferentes. Entre as entrevistadas da escola estadual esse assunto surge já no momento em que são questionadas sobre a satisfação na profissão.

Professora Liliam: Sim, com os alunos sim. Com o salário não, a situação do estado tá complicada, mas quanto aos alunos, a parte pedagógica, não, isso eu to satisfeita sim.

Professora Mari: Posso me considerar não satisfeita, pois trabalhamos com muita falta de recursos, mas isso não é problema da escola em si... Então no local de trabalho temos algumas deficiências que são as que nos trazem insatisfações. Mas quanto ao local de trabalho se tratando de equipe e público, estou satisfeita.

Além disto, ambas chamaram a atenção para a “enturmação”, medida tomada recentemente pelo governo que visa a redução do número de turmas e, conseqüentemente, de funcionários por escola.

Professora Liliam: Teve turmas que foram colocadas juntas numa mesma sala, e daí, claro, uma turma com o espaço físico reduzido, com muitos alunos na mesma sala acaba prejudicando o aprendizado, né. E eram turmas que tinham já sua identidade desde o início do ano que agora acabaram sendo juntadas. Acaba tendo atritos em sala de aula porque a convivência não é a mesma desde o início do ano. [...] Muda a carga horária dos professores, os professores acabam mudando, tendo que mudar de escola, acabamos perdendo alguns colegas. Com essa mudança vários colegas foram embora e isso prejudica bastante e muda muito os professores daí com as turmas, não consegue dar uma sequência no trabalho, né.

Esse tipo de medida interrompe trabalhos desenvolvidos e impede que a EA se dê nos conformes da legislação: “desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal” (BRASIL,

1999, art. 10º). Trocas repentinas e frequentes das professoras não favorecem o desenvolvimento de projetos mais longos pelas profissionais, já que não há uma garantia da continuidade naquele espaço de trabalho.

A escola sofre ainda com falta de materiais básicos, como para impressões e Xerox, ou mesmo ventiladores nas salas, poucos computadores para uso das alunas e ausência de bibliotecária para que o uso e empréstimo dos livros possa ocorrer. Esses inconvenientes vão pouco a pouco desgastando as professoras e impedindo o desenvolvimento de trabalhos mais diferenciados com as turmas. Muitas vezes as professoras tomam para si mais funções do que o exigido pelo seu cargo, o que pode impossibilitar com que se dediquem a trabalhos mais diferenciados, que exijam formação, estudo, reuniões de equipe, etc.

Enquanto isso, na Escola Neusa Goulart, as reclamações se dão mais sobre a perda gradativa do que já foi a qualidade das escolas do município de Porto Alegre. É comentada a falta de recursos para questões de infraestrutura, quando reformas são necessárias. Além disso, as duas entrevistadas chamam a atenção para a queda nos chamamentos para formações e a falta de assessoria da Secretaria de Educação, que já foi muito presente inclusive auxiliando a elaborar e a executar projetos. A fala da professora Helena bem ilustra a falta de acompanhamento dos órgãos superiores.

Professora Helena: Por muitos anos, há alguns anos atrás, a administração da prefeitura trabalhava muito junto conosco. Hoje em dia esse prefeito, nós temos um prefeito joga contra nossa, assim, ele não faz nenhum projeto conosco. Agora nesse ano, que é pré ano das eleições, que eles tão chamando pra fazer formação, dos outros anos não chamaram, não falaram nada. [...] Mas nessa administração a gente trabalha [questões ambientais] porque a gente quer, porque a gente acha importante.

O resultado disso é a não obrigatoriedade da presença da EA nas escolas e, quando presente, se dando por iniciativa de algumas professoras de forma isolada. A professora Helena ressalta, na forma de desabafo, o quanto questões ambientais têm sido deixadas de lado nas últimas administrações.

Professora Helena: Depois de uns anos para cá, as últimas administrações, acho que as três últimas administrações não tiveram uma ênfase na educação ecológica, assim, do meio ambiente, não. Todos tinham seu LIAU, que era o laboratório de Investigação do ambiente Urbano nas escolas, tinham as turmas, as professoras com carga horária para isso, sabe. Eu tô assumindo isso porque me interessa, porque eu quero, gosto. [...] Que eles tiraram as pessoas de todos os lugares e: sala de aula. 'Tá faltando professor? Sala de aula'. Então acabou muito com toda a possibilidade de projeto, a gente até se assusta agora: 'projeto? E depois o que vai acontecer comigo?'. É uma administração que não prioriza nada diferente a não ser tapa furo, assim. Acho que as últimas duas, três gestões já relaxaram muito nesse

aspecto, né. A gente tinha trabalhos, programas de passar um dia inteiro lá no DMLU: visitar estação de transbordo, oficinas de reciclagem, de ir visitar os lugares, de ver como é que era a questão toda da cidade de recolhimento e tudo mais. Eles recém fizeram esse ano dois chamamentos, assim, de oficina, mas mais para mostrar uma pessoa que é dona de uma empresa de floricultura que eu acho que ele vai fazer uma parceria privada com município, né. É tudo o que eles fazem hoje em dia, dar espaço para empresas privadas cuidar das coisas e não ter esse trabalho educacional, assim, infelizmente.

Além da redução das formações de professores em EA, a professora conta sobre o cancelamento do LIAU, que era um espaço voltado especificamente para trabalhos com enfoque ambiental, e de projetos da prefeitura que levavam os estudantes para saídas de campo a fim de conhecerem o gerenciamento dos resíduos da cidade. Fora isso, ela chama a atenção para um perfil de governo voltado para as parcerias público-privada, na qual o governo passa a responsabilidade do trabalho essencial que deve ser a formação de professores para a EA para empresas que podem ter interesses financeiros por trás.

Outra medida recente da nova administração foi o cancelamento das reuniões pedagógicas nas escolas municipais. A professora Adriana insiste nesse ponto, pois este era o espaço que existia para a construção de projetos coletivos.

Professora Adriana: Onde a gente não tem espaço pra fazer um projeto coletivo, as coisas acabam acontecendo, mas tipo eu tenho parceria, [...] então eu vou por iniciativa minha, converso com as professoras e a gente planeja e faz a atividade. Ela acaba acontecendo, mas de forma com grupos separados, não projeto de toda a escola, pra isso a reunião pedagógica.

O planejamento é uma etapa essencial do ponto de vista pedagógico quando se pretende realizar uma EA popular que vise a transformação da sociedade (GUIMARÃES, 1995). Para o autor, do planejamento devem participar todas as envolvidas no processo de ensino, que trarão contribuições teóricas das suas áreas do conhecimento a fim de construir uma prática coletiva que vise a superação dos problemas ambientais vivenciados pelo grupo.

Enquanto isso, os problemas na cooperativa tem girado em torno da falta de verba para reparos na estrutura e nos equipamentos e na luta pela Coleta Seletiva Solidária. A catadora Lourdes comenta sobre a falta de apoio das últimas gestões, pois as UTs de Porto Alegre estão sem receber o repasse da prefeitura desde o mês de abril. Esse valor, apesar de baixo, é essencial para a continuidade do trabalho no galpão, que frequentemente precisa de reparos ou de verba para concerto da maquinaria.

Catadora Lisa: Em questão da estrutura a gente ia receber uma obra, no fim a gente não recebeu obra nenhuma, então eu acho que pra resolver isso a gente teria que receber uma doação, acho que uma benção de Deus [risadas]. Porque é muito caro, então quando a gente tem dinheiro a gente faz as coisinhas aos poucos, a gente faz uma coisa que mais precisa, né. Precisa mais da prensa, a gente arrumou a prensa, precisa da outra prensa agora, a gente procura apoio, né.

Ainda assim, o primeiro tópico a ser citado pelas catadoras quando questionadas sobre as principais demandas da cooperativa ou o que mais vem prejudicando seu trabalho diário é a má separação do resíduo que chega no galpão. Ambas entrevistadas dizem que metade do que chega ali, aproximadamente, é rejeito e não pode ser aproveitado. Essa quantidade toda de resíduo mau separado pela população gera muito gasto desnecessário por parte da prefeitura, aumenta o tempo de trabalho das catadoras e diminui sua renda. A solução para essa questão, considerando a forma como se dá a gestão de resíduos em Porto Alegre atualmente, depende de políticas públicas de fiscalização quanto à correta separação nos domicílios e à incentivos e promoção de EA para toda a população, pois acaba sendo um trabalho que foge ao alcance das catadoras, já que o material que chega à ASCAT não provém somente dos bairros próximos.

Além disso, as catadoras não possuem uma renda base, dessa forma, se abster das tarefas do galpão para atuar em EA, apesar de gratificante e importante para a melhoria na qualidade do material a longo prazo, não é um trabalho remunerado. Essa é inclusive uma das dificuldades enfrentadas pelas trabalhadoras para se dedicarem a realizar trabalhos com escolas e, principalmente, a sair do galpão para atuar junto à comunidade. A catadora Lisa traz essa problemática ao explicar o porquê das catadoras não irem atrás de escolas para realizar palestras ou oficinas com estudantes: *“Como nosso trabalho ele tem que ter produção, a gente tem que estar sempre trabalhando porque se a gente parar o trabalho, para o dinheiro. Então é como se tivesse no banco, faz dinheiro, faz dinheiro, faz dinheiro”*.

Para a melhoria nessa questão a catadora Lourdes menciona a necessidade do emprego da Coleta Seletiva Solidária pela prefeitura. Essa é, inclusive, uma das principais reivindicações do MNCR, já que as altas taxas de rejeitos encaminhados para as cooperativas são um problema nacional.

Catadora Lourdes: Pra melhoria do trabalho é a coleta seletiva solidária, se nós fizer a coleta a gente vai saber o que tá trazendo. Tá cheio ali, né, mas se tu for fazer a separação, 50% é material e 50% é lixo, às vezes até mais lixo do que material. [...] Se nós fizer a coleta a gente vai trazer o melhor material, não vai trazer isopor, folha, galho e pedra como vem ultimamente.

A Coleta Seletiva Solidária consiste na contratação das catadoras na organização e na administração dos sistemas de coleta seletiva da prefeitura. Essa intervenção objetiva “aumentar a arrecadação, seja pela remuneração direta do serviço prestado, seja pela melhoria da qualidade e aumento da quantidade de materiais que chegam até às ACs [associações de catadores] para serem triados” (LIMA et al., 2011, p. 139). Além disso, quando se fala em Coleta Seletiva Solidária o protagonismo da catadora se estende para a EA, já que catadora e população entram em contato diretamente uma com a outra.

Catadora Lourdes: Se a gente for fazer a coleta seletiva solidária vai ter um grupo que vai fazer [EA]. Lógico, a gente vai ter uma conversa com o pessoal onde a gente vai fazer [a coleta], então vai ter uma equipe pra fazer EA nas ruas onde a gente for coletar o material.

Segundo Parreira (2010), os catadores estabelecem vínculos com a população que está no seu roteiro de coleta, pois o contato é direto com a população, de forma a ampliar a abrangência da coleta seletiva e a melhorar a qualidade dos materiais.

Catadoras de materiais e profissionais da educação passam por muitos desafios diários relacionados à profissão, que vão desde problemas estruturais até sucateamento por parte do governo. Inovações nas práticas pedagógicas referentes à EA devem ser propostas para as professoras, mas devemos compreender a dificuldade delas serem colocadas em prática quando essas trabalhadoras passam por dificuldades financeiras em casa, propõe aulas com recursos muitas vezes tirados do próprio bolso, lidam com conflitos entre as estudantes, dentre tantas questões que impedem que o trabalho se dê da forma como imaginamos a ideal nas escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escola e cooperativa de recicladores são duas instituições que podem parecer ter pouco em comum à primeira vista, contudo, ambas estão comprometidas com questões ambientais. Escola enquanto importante espaço fomentador de EA, através de práticas educativas que desenvolvam o senso crítico das estudantes, questionem os impactos do modo de vida que levamos e que promovam melhorias socioambientais a nível de escola ou de comunidade. Catadoras enquanto agentes que melhoram a qualidade de vida nas cidades, que questionam produção e consumo desenfreados através das relações exploratórias de trabalho vigentes.

Tendo como base as instituições analisadas neste estudo, aproximações entre escolas e cooperativas ocorrem, mas de forma pontual. Visitas de estudantes na UT e palestras de catadores nas escolas são eventos muito simples de serem organizados, levando em consideração a pequena distância entre elas, mas que possibilitam trocas enormes entre estudantes e trabalhadoras.

A temática dos resíduos já é constantemente trabalhada nas escolas e, atrelada a ela, está o tema da reciclagem. Considerando a importância das catadoras na efetividade da reciclagem no país, é essencial que seja destacado o trabalho por elas realizado quando se elabora uma prática em torno de resíduos com as estudantes, principalmente quando a escola se localiza numa comunidade historicamente ligada à uma cooperativa e com muitas famílias envolvidas na catação de materiais. Além disso, problemáticas ambientais precisam do seu componente social para serem compreendidas na sua forma integral. Catadoras e o trabalho por elas realizado manifestam-se como interessantes maneiras de abordar esses aspectos, já que as cooperativas se estabelecem como forma de inserir profissionais marginalizados na cadeia produtiva e de produzir uma identidade enquanto categoria.

Esses encontros pontuais e esporádicos, na forma de palestras e visitas guiadas, parecem ser os mais frequentes entre cooperativa e instituições de ensino. No entanto, parcerias e projetos desenvolvidos de forma conjunta, que auxiliariam no estabelecimento de relações mais duradouras entre os espaços, não vem sendo pensadas. Parcerias no recolhimento do material reciclável das escolas localizadas próximas às UTs poderiam ser o passo inicial nesse sentido, pois mesmo escolas vizinhas a um espaço de reciclagem têm tido dificuldades na separação dos resíduos pelas professoras, funcionárias e estudantes. Promover o contato direto e continuado entre catadoras e a comunidade escolar traria resultados mais rápidos e mais duradouros, inclusive porque a tendência de ocorrer uma sensibilização para a mudança de atitude frente ao descarte de resíduos aumenta no momento em que há uma relação mais afetiva com aqueles que lidam com nossos descartes.

Outra possibilidade seria a de que catadoras, professoras e alunas, juntas, planejassem e executassem um projeto de EA pela escola, de forma a inserir o galpão de reciclagem como ambiente de estudos, as catadoras como fonte de saberes e a comunidade do entorno como espaço para a proposição de mudanças. A ausência de parcerias nesse sentido se deve muito a um afastamento escola-comunidade e o pouco uso do entorno como base dos conteúdos trabalhados. Aproximações entre

escola e UT podem possibilitar uma EA ambiental contextualizada, que seja capaz de promover a compreensão da problemática a nível global quanto aos resíduos, tendo como ponto de partida o local: escola e comunidade do entorno, através das moradoras e da cooperativa. Enfatizar o que se encontra próximo das estudantes nos projetos de EA é essencial a fim de revogar a ideia de que ambiente é só a natureza distante e intocada que vemos através de filmes e noticiários. Possibilitar o entendimento de que as pessoas fazem parte da natureza e de que as cidades também sofrem com a degradação ambiental é dar uma possibilidade de ação visando melhorias da sua comunidade para estas estudantes.

Além disso, o contato das catadoras com a comunidade, dá visibilidade para essa profissão, que demanda por reconhecimento. Apesar das dificuldades cotidianas vividas pelas professoras e pelas catadoras, que acabam muitas vezes por reduzir tentativas de novas propostas de trabalho e, conseqüentemente, do trabalho conjunto com uma outra instituição, escola e cooperativa precisam buscar apoio uma na outra. A abertura desses espaços para a comunidade só tem a acrescentar, seja pela conquista de práticas de ensino-aprendizagem mais efetivas quanto às questões ambientais e relacionadas ao dia a dia das estudantes nas escolas, seja pelo aumento da valorização pelo trabalho realizado e da autoestima das catadoras.

Segura (2001) fala da EA como um processo lento, mas com o propósito e poder de transformação: “Para além da mudança de hábitos e comportamentos, é imprescindível sustentar um significado político à EA, isto é, a formação de nova mentalidade para a construção da sociedade sustentável” (p. 195). A escola tem grande poder na formação de cidadãs atuantes a favor da sustentabilidade, nesse sentido, os princípios conduzidos pelas catadoras de materiais nas suas práticas diárias de trabalho cooperativo tem muito a somar nesses processos de formação.

REFERÊNCIAS

AIGNER, Carlos Henrique de Oliveira. **Alfabetização em geografia e educação ambiental: Construindo a cidadania em escolas voltadas à educação popular**. 2002. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BALLANTYNE, Roy; FIEN, John; PACKER, Jan. Program Effectiveness in Facilitating Intergenerational Influence in Environmental Education: Lessons from the Field. **The Journal of Environmental Education**, New York, v. 32, n. 4, p.8-15, jan. 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1979. 225 p.

BEHEREGARAY, Luciane Liberato. **Educação integral: expectativa e resultados na visão das famílias**. 2013. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BENICÁ, Dirceu. Trabalho, cooperação e cidadania e tempos de exclusão. In: BENICÁ, Dirceu. **Reciclando a (des)ordem do progresso: Arcan: uma alternativa sócio-ambiental**. Passo Fundo: Ifibe, 2006. p. 57-86.

BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 1999.

CHASSOT, Attico. Uma Dimensão Ambiental para a Educação como uma Alternativa para um Ensino Mais Político. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2006. p.397-411.

FILARDI, Fernando; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; BINOTTO, Erlaine. Os catadores de resíduos e a responsabilidade sócio-ambiental: a percepção sobre seu lugar social. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.17-35, nov. 2011.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 79 p.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

GOUVEIA, Nelson. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1503-1510, Junho 2012.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental: participação para além dos muros da escola. In: Ministério da Educação. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Unesco, 2007. p. 85-93. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental e a Gestão para a Sustentabilidade. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2006. p.183-195.

GUIMARÃES, Mauro; VASCONCELLOS, Maria das Mercês N. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 27, p.147-161, 2006.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável: Brasil. Brasília: 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LIMA, Francisco de Paula Antunes et al. Tecnologias Sociais da Reciclagem: Efetivando Políticas de Coleta Seletiva com Catadores. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p.131-146, dez. 2011.

LINDENBAUM, Luzia (Porto Alegre). Fundação Iberê Camargo. **Projeto Iberê nas Escolas vai qualificar turno integral com arte**. 2019. Disponível em: <<http://iberecamargo.org.br/projeto-ibere-nas-escolas-vai-qualificar-turno-integral-com-arte/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MENDONÇA, Priscilla Bibiano de Oliveira. A metodologia científica em pesquisas educacionais: Pensar e fazer ciência. **Interfaces Científicas: Educação**, Aracaju, v. 5, n. 3, p.87-96, 5 jul. 2017. Universidade Tiradentes. <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2017v5n3p87-96>.

O'RIORDAN, Tim. Educação para a Sustentabilidade. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2006. p.175-181.

PARREIRA, Gabriela Fonseca. **Coleta Seletiva Solidária: Agregando Valor pela Integração da Cadeia da Reciclagem**. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Produto e Trabalho, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Cap. 6.

PEREIRA, Anderson Luis; MAIA, Kércia Maria Pontes. **A contribuição da gestão de resíduos sólidos e educação ambiental na durabilidade de aterros sanitários**. Sinapse Múltipla, Betim, v. 1, n. 2, p.68-80, dez. 2012.

ROLIM, Renata Souza; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; FERNANDES, Raquel de Aragão Uchôa. "Uns valorizam, outros discriminam": família e sociedade na percepção dos catadores de materiais recicláveis. **Oikos: Família e Sociedade em debate**, Viçosa, v. 26, n. 1, p.205-224, 2015.

ROSADO, Rosa Maris; HEIDRICH, Álvaro Luiz. Leituras na esteira do galpão: catadores, território e educação ambiental. In: AMARO, Aurélio Bandeira; ORGANIZADORES, Roberto Verдум (Org.). **Política Nacional de Resíduos Sólidos e suas interfaces com o espaço geográfico**: entre conquistas e desafios. Porto Alegre: Letral, 2016. p. 285-308.

SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação Ambiental na Escola Pública**: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, Caroline Silva da. **25 anos de Coleta Seletiva em Porto Alegre**: História e Perspectivas. 2015. 74 f. Monografia (Especialização) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SIQUEIRA, Mônica Maria; MORAES, Maria Silvia de. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2115-2122, Dec. 2009.

Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento. Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos - 2017 Urbanos. Brasília: 2019. Disponível em: <<http://www.snis.gov.br/diagnostico-residuos-solidos/diagnostico-rs-2017>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. Trabalho e perspectivas na percepção dos catadores de materiais recicláveis. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 98-105, Abril 2015.

TROLEIS, Adriano Lima; BASSO, Luis Alberto. A Evolução da Disposição dos Resíduos Sólidos em Porto Alegre e a Coleta Seletiva. **Sociedade e Território**, Natal, v. 25, n. 1, p.1-18, 2013. Semestral.

VICENTE, Bianka Biazuz. **Educação Ambiental e Profissionalização dos Catadores na Política Nacional de Resíduos Sólidos**: uma Sociologia das Ausências? 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

APÊNDICE 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS e FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Gabriela Luisa Vivan, estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, vinculado ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, gostaria de solicitar a autorização de uso de suas palavras, obtidas através de entrevista semiestruturada, parte da minha pesquisa de campo, e relacionada ao Projeto de investigação ***O Galpão como espaço educativo: a relação entre uma cooperativa de recicladores e uma escola pública em Porto Alegre***. Tal solicitação relaciona-se com a significância dos dados coletados e das relações de trabalho a serem estabelecidas durante o processo desta pesquisa, que resultará no meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Prof^a Dr^a Heloisa Junqueira, Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, desta Universidade.

O objetivo da investigação é identificar e analisar as possíveis articulações entre instituições diferentes, ambas educativas: uma escola pública estadual e uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, bairro Cavalhada, Porto Alegre. Pretende-se, assim, contribuir na criação e organização de projetos de Educação Ambiental escolar, crítica e contextualizada, tendo em vista às necessidades urgentes de aproximarmos os educandos aos temas socioambientais contemporâneos, com efeitos significativos na sua construção do sentimento de pertencimento ao mundo.

A coleta de dados será realizada através de entrevistas, previamente agendadas com os entrevistado(a)s. Será conduzida pela estudante-pesquisadora, apoiando-se em um roteiro organizador das conversas, relacionado com o tema central desta pesquisa. Destaca-se que a participação das professoras e/ou trabalhadoras nesta pesquisa é voluntária. E, também, é importante enfatizar o comprometimento da Universidade em respeitar os valores éticos inerentes a este tipo de pesquisa, afirmando que os dados obtidos estarão resguardados por sigilo ético, e que nenhum nome, dados pessoais, escolares e/ou de trabalho, será citado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Eu,....., declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma. Autorizo também a utilização das respostas obtidas com a entrevista, realizada durante a pesquisa de campo.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Documento de Identificação do sujeito de pesquisa

Porto Alegre, ____ de _____ de 2019.

APÊNDICE 2

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Biociências e Faculdade de Educação
Licenciatura em Ciências Biológicas
Trabalho de Conclusão de Curso

ROTEIROS CONDUTORES DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

a) ENTREVISTA COM CATADORAS

Apresentação/História de Vida

Há quanto tempo trabalha com a catação?
Como chegou até esse trabalho?
Está satisfeita aqui?
Relato da sua trajetória na ASCAT
O que a cooperativa significa pra ti? E para a comunidade?

Cooperativa/Trabalho

Número de catadores na cooperativa
Homens/mulheres, idade, filhos, escolaridade
Renda média
Qual é a forma de entrada na cooperativa? Como se dá a seleção de quem entra e de quem não?
Qual é o seu trabalho realizado? Quantas horas diárias?
Existe alguma garantia de direitos do(a)s trabalhadores/as da Unidade?
Havia/há mudanças no trabalho de vocês, quando a gestão na prefeitura muda?
Considerando seu trabalho na Unidade, e convivência com seus colegas, quais seriam, nos dias de hoje, as principais dificuldades para a cooperativa e/ou no trabalho?
Possíveis soluções para as dificuldades citadas

Relação com Escolas

Vocês já estabeleceram relações de trabalho ou outro tipo de relação com escolas próximas ou distantes desta Unidade? Poderia dar exemplo?
Quais escolas costumam entrar em contato com a cooperativa (rede pública ou particular/nomes)?
Que atividades são realizadas nos encontros estudantes/UT?
É benéfico para a cooperativa? E para escola e sua comunidade?

Escolas Próximas

Quais relações têm sido estabelecidas com as escolas Cônego Nadal e Neusa Goulart?
Estudantes já estiveram na cooperativa?
Catadores já realizaram ações nas escolas?

b) ENTREVISTA COM PROFESSORAS

Apresentação/História de Vida

Formação inicial e pós-graduação, EF/EM, áreas/disciplinas e anos em que leciona
Há quanto tempo trabalha com ensino e/ou educação? Há quanto tempo trabalha nesta escola?
Está satisfeita aqui? Por quê?

Escola

Nos últimos anos e neste 2019, quantos alunos estão matriculados? Que anos são ofertadas?

Funcionamento básico referente ao turno integral, refeições, etc.

Sobre os alunos frequentadores: Em que bairro vivem? Com quem moram? Como chegam até a escola? Renda/no que trabalham os familiares?

Há alunos de inclusão matriculados? Quantos/quais?

Quais são os problemas mais latentes da escola/comunidade do entorno?

Ocorreram mudanças na escola de uma gestão para outra do município?

Educação Ambiental

Qual seria a concepção de EA dos professores da escola? E de que forma ela é trabalhada (ações pontuais, matérias escolares, projetos que envolvem outras escolas ou outras instituições, como a UT)?

Histórico dos projetos/atividades mais relevantes e/ou daqueles que geraram resultados muito positivos, incluindo o fortalecimento das relações sociais

As professoras de quais matérias costumam se envolver?

Resíduos/Cooperativa

A temática do lixo já foi trabalhada? De que forma?

Qual foi a ênfase dada (poluição, separação do lixo, reciclagem, etc)?

Estabeleceram contato com a UT nesses trabalhos?

c) ENTREVISTA COM ESTAGIÁRIAS

Apresentação/História de Vida

Escolarização pública ou privada ou ambas? Curso de ensino superior?

Por que do interesse no Projeto Iberê?

Há quanto tempo vem atuando/estagiando no projeto?

Projeto Iberê

Quais são os objetivos do projeto?

Qual é a duração do trabalho com cada escola?

O que vem sendo trabalhado com as turmas?

Já puderam perceber resultados?

Contato com a Cooperativa

Pretendem elaborar algo em conjunto?

O que obtiveram com a visita?